



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA,
CONTABILIDADE E SECRETARIADO EXECUTIVO.

CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

ROBERTO BRUNO PESSOA E SILVA

O COMÉRCIO EXTERIOR DO SETOR DE CALÇADOS DO CEARÁ: UMA
ANÁLISE DA DINÂMICA E DA VANTAGEM COMPARATIVA NO PERÍODO DE
1997 A 2012.

FORTALEZA

2013

ROBERTO BRUNO PESSOA E SILVA

O COMÉRCIO EXTERIOR DO SETOR DE CALÇADOS DO CEARÁ: UMA
ANÁLISE DA DINÂMICA E DA VANTAGEM COMPARATIVA NO PERÍODO DE
1997 A 2012.

Monografia apresentada à Faculdade de
Economia, Administração, Atuária, Contabilidade
e Secretariado Executivo, como requisito parcial
para obtenção do grau de Bacharel em Ciências
Econômicas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sandra Maria dos Santos

FORTALEZA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade

S583c Silva, Roberto Bruno Pessoa e.

O comércio exterior do setor de calçados do Ceará: uma análise da dinâmica e da vantagem comparativa no período de 1997 a 2012 / Roberto Bruno Pessoa e Silva - 2013.

63 f.; il.; enc.; 30 cm.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Ciências Econômicas, Fortaleza, 2013.

Orientação: Profa. Dra. Sandra Maria dos Santos.

1. Indústria calçadista – Ceará 2. Comércio internacional – vantagens competitivas I.
Título

ROBERTO BRUNO PESSOA E SILVA

O COMÉRCIO EXTERIOR DO SETOR DE CALÇADOS DO CEARÁ: UMA
ANÁLISE DA DINÂMICA E DA VANTAGEM COMPARATIVA NO PERÍODO DE
1997 A 2012.

Esta monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Ciências Econômicas, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas, outorgado pela Universidade Federal do Ceará – UFC e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Data da aprovação ____/____/____

Nota

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Maria dos Santos
(Orientadora)

Nota

Prof^ª. Dr^ª Débora Gaspar Feitosa
(Membro da Banca Examinadora)

Nota

Prof^ª. Dr^ª Eveline Barbosa Silva Carvalho
(Membro da Banca Examinadora)

“Tudo começa quando você acredita”
Autor Desconhecido

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus e depois a Maria Ecilda que nunca mediu esforços para me proporcionar conhecimentos. Essa monografia sem a ajuda da minha mãe não poderia ser realizada. Dedico esse estudo a pessoa que ela é.

Em seguida, faço agradecimentos aos amigos e colegas da faculdade: Alisson Silva, Emanuel Costa, Laerte Firmino, Maycon Cosmo, Herty Neves, Alex Richard, Edineuda Soares, Igor Macedo, Leiliane Sales, Pedro Garmendia, Cláudio Peixoto dentre outros, que dividiram comigo momentos angustiantes de provas, trabalhos e seminários, bem como também várias reuniões de grupo de estudo. Agradeço a Nathália Oliveira que, sem dúvida, teve um grande peso na minha formação de economista.

Agradeço ao Instituto de Pesquisa Estratégica e Econômica do Ceará - IPECE, órgão no qual estagiei por quase dois anos e que me deu insumos para a realização dessa monografia. Agradeço a Débora Gaspar pela ajuda incondicional e Cristina Lima por me apresentar ao mundo das pesquisas, pelo suporte profissional e pessoal. A Cristina Lima é uma economista brilhante e uma pessoa formidável, em resumo, é um espelho para mim. Aos estagiários: Artur Ícaro, Marcelino Guerra e Rayssa Costa pelo suporte e apoio.

Agradeço também a Heloísa Bezerra (em memória) por disponibilizar seu conhecimento, sobretudo da economia cearense. Muitas vezes eu recorria a ela quando encontrava algo novo, quando não tinha nada escrito e também quando tinha algo escrito. Ela sabiamente me direcionava. Infelizmente ela não está mais nesse plano, mas sua pessoa jamais será esquecida por nós. Dedico, também, essa monografia ao grande ser humano que ela foi enquanto vida.

Agradeço a minha orientadora Prof^a. Sandra Maria por compartilhar o seu intelecto comigo. Foi uma honra ter feito este trabalho sobre a orientação dessa grande profissional. A função de uma boa orientação foi exercida de forma brilhante, servindo, em muitos momentos, de inspiração para mim.

E por último, mas não menos importante, agradeço aos professores que abraçam essa profissão e que contribuem para a formação do economista. Fica aqui meu muito obrigado a esses profissionais que se dedicam a docência e incentivam os estudantes de economia a serem economistas. Infelizmente, dentro da universidade, não é todo

facilitador que pode ser chamado de professor, mas aqueles que são jamais serão esquecido por mim.

RESUMO

A indústria de calçados é uma das principais atividades da indústria de transformação do estado do Ceará, pois gera emprego, renda e se configura desde 2001 como a principal atividade exportada do Estado. Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar a dinâmica e a vantagem competitiva do comércio exterior do setor de calçados cearense na economia nacional e local no período de 1997 a 2012. O período escolhido para análise abrange grandes mudanças macroeconômicas da economia brasileira, como a estabilidade econômica conseguida pelo plano real, a crise cambial decorrente da crise asiática, a mudança cambial no final de 1999 e, recentemente, a crise de 2008 e da Europa. A pesquisa é de natureza quantitativa, possui finalidade descritiva, e está baseada em dados secundários. Para analisar o comércio exterior de calçados cearenses foram utilizados quatro indicadores: O índice de vantagem comparativa revelada de Balassa (IVCR); o índice de vantagem comparativa revelada de Vollrath (RCAv); o indicador de contribuição do saldo comercial de Lafay (ICSC); e a taxa de cobertura usada para a identificação de pontos fortes e pontos fracos da economia cearense. Os resultados apontam que o setor calçadista possui vantagem comparativa ao longo de toda a série histórica no mercado internacional, se destacando frente às demais regiões brasileiras e atividades econômicas do Estado, sendo considerada como um ponto forte da economia cearense no cenário internacional.

Palavras-chave: Indústria; Comércio Internacional de Calçados do Ceará; Vantagem Comparativa Revelada.

ABSTRACT

The footwear industry is one of the main activities of the manufacturing industry in the state of Ceará, as it generates employment, income and configures itself since 2001 as the main activity of the state exported. Thus, this study aims to analyze the dynamics of comparative advantage and trade the footwear sector and parts of Ceará in national and local economy in the period 1997-2012. The period chosen for analysis covers major macroeconomic changes in the Brazilian economy, as economic stability achieved by the real plan, the currency crisis arising from the Asian crisis, the exchange rate change in late 1999 and recently, the 2008 crisis and Europe. This research is quantitative, has descriptive purpose, and is based on secondary data. To analyze the trade of footwear Ceará were used four indicators: The index of revealed comparative advantage Balassa (RCA), the index of revealed comparative advantage Vollrath (RCAv); indicator contribution of the trade balance of Lafay (ICTB), and the coverage rate used to identifying strengths and weaknesses of the economy of Ceará. The results show that the footwear industry has a comparative advantage over the entire series in the international market, standing out against other Brazilian regions and economic activities of the state and is considered as a strong point of Ceará in the international economy.

Keywords: Industry, Commerce International Footwear of the Ceará; Revealed Comparative Advantage.

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 01: Evolução da participação de calçados na exportação total do Ceará | 35 |
| Gráfico 02: Evolução da Participação das Exportações Cearenses de Calçados nas Exportações Brasileiras de Calçados | 36 |
| Gráfico 03: Fluxo de Comércio Exterior de Calçados – Ceará - 1997 a 2012 | 37 |
| Gráfico 04 : Evolução das exportações dos cinco principais estados exportadores de calçados do Brasil no ano de 1997 a 2012 | 38 |
| Gráfico 05: Evolução da participação (%) dos cinco principais destinos das exportações de Calçados do Ceará em 1997 a 2012..... | 39 |
| Gráfico 06: Evolução dos cinco principais grupos de produtos exportados pelo Ceará 1997 a 2012 | 40 |
| Gráfico 07: Distribuição percentual das exportações por grupo de produtos do Ceará | 41 |
| Gráfico 08: Evolução do IVCR, RCAvi e ICSC do estado do Ceará | 49 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1: Síntese dos Indicadores de Vantagem Comparativa | 33 |
| Quadro 2: Empresas Exportadoras Cearenses de Calçados em 2011..... | 41 |
| Quadro 3: “Pontos Fortes” e “Pontos Fracos” da Economia Cearense – 1997 a 2012..... | 51 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Localização das Empresas Exportadoras de Calçados do Ceará | 42 |
|--|----|

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 01: Valor das Exportações Total e de Calçados do Ceará (US\$ bilhões FOB)..... | 35 |
| Tabela 02: Índice de Vantagem comparativa revelada de Calçados dos estados brasileiros..... | 43 |
| Tabela 03: Índice de Vantagem comparativa revelada de Vollrath (RCAvi) de Calçados dos Estados Brasileiros..... | 45 |
| Tabela 04: Índice de Contribuição ao Saldo Comercial de Calçados dos Estados Brasileiros..... | 46 |
| Tabela 05: Índice de Vantagem comparativa revelada (IVCR) das atividades do Ceará..... | 47 |
| Tabela 06: Índice de Vantagem comparativa revelada de Vollrath (RCAvi) das atividades do Ceará..... | 48 |
| Tabela 07: Índice de Contribuição ao Saldo Comercial das Atividades do Ceará..... | 49 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 13 |
| 2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS...16 | |
| 2.1. Evolução dos calçados brasileiros no contexto internacional..... | 16 |
| 2.2. O ambiente macroeconômico atual e o setor de calçados do Ceará | 18 |
| 3. REFERENCIAL TEÓRICO..... | 20 |
| 3.1. Teorias sobre a competitividade..... | 20 |
| 3.2. Vantagem comparativa..... | 21 |
| 3.3. Vantagem competitiva..... | 23 |
| 3.4. A abordagem <i>ex-ante e ex-post</i> | 24 |
| 4. METODOLOGIA..... | 26 |
| 4.1. Tipologia da pesquisa..... | 26 |
| 4.2. Coleta de dados..... | 27 |
| 4.3. Tratamento de dados..... | 27 |
| 4.3.1. <i>Os indicadores de vantagem comparativa</i> | 29 |
| 5. ANÁLISE DE RESULTADOS..... | 34 |
| 5.1. A análise do comércio internacional de calçados do Ceará no período de 1997 a 2012..... | 34 |
| 5.2. A análise dos índices de vantagem comparativa de calçados do Ceará com relação aos demais estados brasileiros..... | 43 |
| 5.3. A análise dos índices de vantagem comparativa de calçados do Ceará com relação aos demais setores da economia cearense..... | 46 |
| 5.4. O setor de calçados como um ponto forte na economia do Ceará no mercado externo..... | 50 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 52 |
| REFERÊNCIAS..... | 55 |

1. INTRODUÇÃO

A indústria de Calçados é uma das principais atividades da indústria de Transformação do estado do Ceará. A geração de emprego e renda são alguns dos benefícios gerados por essa atividade para o desenvolvimento estadual. Segundo dados retirados do sítio da Abicalçados, no ano de 2010, o Ceará possuía 294 empresas calçadistas, gerando cerca de 63.592 empregos formais, contribuindo, assim, para que o Estado alcançasse o terceiro lugar com relação aos pólos produtores calçadistas nacional. (ABICALÇADOS, 2010).

O desenvolvimento dessa indústria no Estado iniciou-se na década de 90, período marcado pela migração da cadeia produtiva do sul para o nordeste. Essa migração pode ser explicada por fatores de natureza macroeconômica. De acordo com Lages (2003), uma das explicações está no processo de globalização e de integração econômica internacional. A entrada de produtos chineses e do sul asiático no mercado calçadista mundial fizeram com que a indústria nacional de calçados buscasse novas formas de competir, já que a concorrência tendia a utilizar a estratégia de redução de custos para assim aumentar a participação no mercado.

Segundo Costa (2007), a mudança no ambiente macroeconômico nacional, como a queda nas barreiras tarifárias e não tarifárias, a política de estabilização do Plano Real 1994/96 (juros elevados e valorização cambial) possibilitaram, também, a mudança no ambiente competitivo dessa atividade na década de 90.

A busca por novas condições que contribuíssem para melhorar a competitividade da indústria de calçados no Sul frente ao mercado externo tornou-se uma condição determinante para a solução dos novos obstáculos concorrenciais. Diante disso, as empresas do Sul realocaram suas empresas para o Nordeste, pois a região possuía atrativos como: baixo custo de mão de obra, incentivos locais promovidos pelo governo (incentivos fiscais, obras de infraestrutura, e etc.) e , além disso, o fato do Nordeste possuir uma localização geográfica estratégica do ponto de vista mercadológica, já que a região está mais próxima dos principais mercados consumidores (Europa e Estados Unidos), (COSTA, 2007).

Com a atividade de calçados já instalada na Região, o estado do Ceará se destacou no nordeste, servindo, em muitos aspectos, como referencial para os demais estados nordestinos. O sucesso do Estado pode ser explicado pelo pioneirismo e avanço da política industrial de incentivos que o governo local proporcionou aos empresários.

Segundo Amaral Filho *et al* (2003), o governo do estado estava disposto assumir o maior custo desde que a indústria oferecesse um maior benefício para o Estado. Em paralelo com uma agressiva política de atração industrial, o Ceará realizou a reforma fiscal, incentivou e custeou a descentralização da produção para diversos municípios cearenses, o que possibilitou a atração de empresas tradicionais localizadas no Sudeste e Sul do país especializadas em calçados para exportação, Costa (2007). Dessa forma, o Governo do Estado tomou como estratégia a de recrutar empresas exportadoras de largas escalas, que além de impactar na abertura do mercado exportador local, também estimularia as empresas de calçados de outras regiões a se instalarem no Ceará (TENDLER, 2000).

Ainda de acordo com Costa (2007), essa migração do setor calçadista ocorreu no estado cearense em meados de 1995. As empresas exportadoras de calçados se instalaram principalmente na macrorregião do Cariri e de Fortaleza. A realocação do processo produtivo do sul para o nordeste, no entanto, não minimiza a importância dos locais produtoras tradicionais, haja vista que se trata de estratégias das grandes empresas do setor para se manterem competitivas no mercado interno e internacional.

A reestruturação e modernização dos setores produtivos trouxeram de volta a competitividade com relação ao cenário internacional já em meados de 1997, fato este mostrado pelo o aumento significativo das exportações calçadistas. Portanto, a partir da década de noventa, a indústria de calçados passou a ter uma importância para a economia brasileira, haja vista a multiplicidade de pólos espalhados pelo país.

No Ceará tem-se, por exemplo, o pólo calçadista da região do Cariri, de Sobral e Fortaleza, que tem gerado emprego e renda nessas regiões, ajudando, assim, ao desenvolvimento do Estado. Desde 2001 o setor calçadista lidera as exportações cearenses, o que confirma a sua força no cenário econômico a nível local.

No entanto, vale destacar que o setor de calçados tem sofrido com a competição de produtos asiáticos e com problemas de natureza macroeconômicos que o mercado enfrenta, sobretudo, na década de 2000. Assim, tem-se a questão norteadora dessa monografia. Como tem se comportado a dinâmica e a vantagem comparativa do comércio exterior do setor de calçados cearenses?

Para tanto, foram construídas as seguintes hipóteses:

- a) O setor de calçados aumentou sua participação relativa no comércio exterior cearense

- b) O setor cearense de calçados possui vantagem comparativa quando comparado com os demais estados brasileiros.
- c) O setor cearense de calçados possui vantagem comparativa com relação aos demais setores da economia cearense.
- d) O setor de calçados se configura como um “ponto forte” na economia do Ceará com relação ao comércio exterior.

O objetivo geral do trabalho é de analisar a dinâmica e a vantagem comparativa do comércio exterior cearense do setor de calçados com relação à economia nacional e local no período de 1997 a 2012. Tem-se como objetivos específicos: a) analisar a dinâmica do comércio internacional cearense do segmento de calçados, b) verificar a vantagem comparativa de calçados cearenses com relação aos demais estados brasileiros, c) verificar a vantagem comparativa de calçados cearense com relação aos demais setores produtivos do Ceará, d) de averiguar se o setor de calçados é um ponto forte no comércio exterior cearense.

Foram utilizados dados secundários sobre calçados, retirados do sistema ALICEWEB do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

Além da introdução e considerações finais, a monografia está dividida em quatro seções. A primeira seção descreve uma breve contextualização da indústria de calçados no cenário internacional. A segunda seção traz o referencial teórico sobre o conceito de competitividade e vantagem comparativa. A terceira apresenta a metodologia adotada nesse estudo e a última seção realiza a análise dos resultados.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS

Nessa seção será feita uma rápida contextualização do setor de calçados com relação ao mundo, explicando, mesmo que de modo sucinto, o nascimento dessa indústria no Brasil e no Nordeste, elucidando os problemas enfrentados por esse segmento no passado até aos dias atuais.

2.1. Evolução dos calçados brasileiros no cenário internacional

De acordo com Costa (2007), desde o final da década de 60 a indústria de calçados passava por uma internacionalização em seu processo produtivo. No começo da história dessa atividade eram os países ricos que desenvolviam a produção, como EUA, Grã-Bretanha, Alemanha, França e Itália (esta mais dedicada ao mercado interno). A crise do sistema de produção Taylorista-Fordista, bem como a industrialização tardia dos países em desenvolvimento, promoveu a entrada de novos produtores nesse mercado. Nesse momento, os países desenvolvidos passavam de grandes nações produtoras a consumidoras de calçados. Além da liberalização e integração econômica entre países, o fator determinante para a mudança do cenário foi a busca incessante dos capitalistas de redução de custos.

Em busca da estratégia competitiva de redução de custos, as atividades produtivas dos países desenvolvidos deslocaram-se para Ásia (Taiwan e Coreia do Sul) e para o Brasil no final dos anos 60. Alguns fatores possibilitaram o sucesso dessa indústria nesses países, como: a oferta elástica no que diz respeito à mão de obra a um baixo custo e a já existente capacidade produtiva dedicada à produção de calçados.

Com o passar dos anos, em especial na década de 80, houve a entrada de novos concorrentes no mercado calçadista, como Índia, Indonésia, Tailândia, Malásia e, principalmente, China. No entanto, enquanto Taiwan e Coreia do Sul avançaram na produção e na exportação de indústrias intensivas em tecnologia, a produção de calçados cresceu em outros países em desenvolvimento, como China, Filipinas, Indonésia e Tailândia, que tinham custos mais competitivos (SOUSA, 2009).

A entrada desses países se deu graças à força de trabalho abundante e aos baixos salários. Isso impactou diretamente aquelas nações em desenvolvimento que haviam se estabelecido como produtoras de calçados no final dos anos 60 (ALMEIDA *et al*, 2003), em especial o Brasil.

Conforme retratado por Costa (2007), a indústria doméstica de calçados em fins dos anos 60 e, principalmente na década de 80, sofreu o impacto da entrada desses países asiáticos que, segundo o autor, já no final de 90 respondia por 2/3 das exportações mundiais de calçados. O Brasil, que havia se especializado na produção de calçados de baixo custo, não conseguia competir com a produção asiática em termos de preço, principalmente por causa do baixíssimo custo da mão de obra da China, Indonésia e Tailândia. Perante a esse cenário, a indústria brasileira seguiu a mesma estratégia adotada pelas empresas do mundo na época.

Diante dessa tática dos empresários internacionais, a indústria calçadista nacional também adotou um processo de realocação, só que a nível regional, já comentada no início desse estudo. Apesar da presença de empresas calçadistas em quase todos os estados brasileiros, esse movimento ocorrera principalmente, em direção aos estados do Nordeste, mais precisamente Ceará, Bahia e Paraíba.

Dessa forma, estabeleceram-se no Brasil duas principais formas de organização das atividades produtivas. O primeiro, que é mais tradicional, tem como base as redes locais de produção formadas principalmente por pequenas e médias empresas. Nessa circunstância, destacam-se a região do Vale dos Sinos (RS), especializada em calçados femininos, o polo de Franca (SP), especializado em calçados masculinos, e as cidades de Birigui e Jaú, no interior de São Paulo, especializadas, respectivamente, na produção de calçados infantis e femininos (GUIDOLIN, COSTA E ROCHA, 2010). O segundo padrão de organização foi montado na região do Nordeste por grandes empresas em busca de mão de obra de menor custo, economias de escala e incentivos fiscais para fazer frente à concorrência internacional.

O estado nordestino que mais se beneficiou com essa realocação do setor calçadista foi o Ceará, pois atendia as premissas básicas dos empresários sulistas para instalarem seus parques industriais, e com o tempo, essa indústria passou a impactar diretamente na balança comercial cearense e a contribuir, de certa forma, ao desenvolvimento do Estado, gerando, por exemplo, renda a algumas famílias cearenses.

O estado do Ceará é especializado na fabricação de sandálias, chinelos e sapato de plástico ou borracha. No pólo da região de Cariri são produzidos, em especial, sandálias microporosas e de placas de E.V.A. Ainda tem-se o pólo de fortaleza que gerou empregos a 7.408 pessoas em 2010 e o pólo calçadista de Sobral, que se destaca por ser o maior município produtor de calçados do Nordeste. (ABICALÇADOS, 2010). De acordo com Costa (2007), o processo produtivo da indústria de calçados é

relativamente simples, consistindo em: modelagem, corte, costura, montagem e acabamento. No corte é utilizada uma máquina chamada balancim, onde as partes do cabedal do calçado são cortadas por faca de aço. Na etapa seguinte as partes são unidas por colagem na estrutura principal do cabedal, para costura, conhecida como pesponto do cabedal. Na montagem são unidos o cabedal pronto, a palmilha e o solado. Na última etapa, tem-se o acabamento, de onde é feito os ajustes finais, como limpeza, reparos e o controle de qualidade final para a expedição do produto. (COSTA, 2007)

2.2.O ambiente macroeconômico atual e a indústria de calçados do Ceará

O desenvolvimento da indústria calçadista no Brasil possibilitou a concentração de suas atividades sobretudo em regiões como o Vale dos Sinos no Rio Grande do Sul e na região de Franca em São Paulo. Os quatros principais estados produtores de calçados do país são: Rio Grande do Sul, São Paulo, Ceará e Minas Gerais. (ABICALÇADOS, 2010).

Ao longo da última década, a indústria calçadista cearense passou por períodos de contração e expansão da produção e das exportações. De acordo com Guidolin e Rocha (2010), o começo dos anos 2000 é marcado por dois fatores: o acirramento da concorrência externa no tocante ao segmento de baixo custo, e a oscilação da taxa de câmbio. A competitividade dos calçados cearense no mercado internacional está diretamente relacionada à taxa de câmbio vigente que impacta diretamente nas exportações.

Segundo Ricardo e Evangelista (2010) com o real apreciado a indústria nacional perde competitividade, principalmente o segmento de calçados, pois possuem menor valor agregado, e concorrem com os produtos asiáticos em um comércio no qual o preço é a variável fundamental de diferenciação. Entre 2000 e 2004, o real manteve-se desvalorizado, especialmente por causa da crise asiática e da instabilidade no mercado cambial por causa das eleições de 2002. Em decorrência desses fatores houve crescimento das exportações calçadistas do Ceará e do Brasil como um todo, que podem ser observados na seção cinco.

O ano de 2008 é marcado pela grande crise ocorrida no principal comprador de calçados do Brasil, e também do Ceará, os Estados Unidos. O resultado culminou na quebra de grandes instituições financeiras, em um processo que ficou conhecido como a

crise do subprime. O impacto só foi sentido pela indústria de calçados a partir do ano seguinte, 2009, onde o estado do Ceará apresentou não só queda nas exportações de calçados, mas como em toda a sua exportação.

Ainda de acordo com Ricardo e Evangelista (2010), já para os anos de 2010, 2011 e 2012, além dos efeitos da crise americana, tem-se a crise da Zona do Euro, ocasionada por um descontrole das contas públicas de alguns países inseridos nesse bloco e a crise da Argentina, que também foi ocasionada pelo descontrole das contas do governo. Esse ambiente macroeconômico afetou as exportações de calçados do Ceará, resultando em uma retração de suas vendas ao mercado internacional já que, além dos principais compradores de calçados se encontrarem em situações de dificuldades em suas economias, o mundo, então, passou a adotar, mesmo que disfarçado, um ambiente de protecionismo de seus mercados nacional.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção será apresentada a base teórica utilizada como fonte de argumentos para a construção desse estudo sobre a vantagem comparativa, apresentando os pensamentos e citações dos estudiosos sobre o tema.

3.1. Teorias sobre a competitividade

Segundo Willianson (1998), quando se estuda o comércio internacional três principais teorias são apresentadas: a teoria da vantagem comparativa, baseada no conceito de David Ricardo, a teoria Heckscher- Ohlin e a Nova Teoria do Comércio Internacional (NTCI).

O estudo do comércio internacional tem como precursor o autor Adam Smith, no qual dizia que se um país puder produzir um bem com menores recursos do que outro, logo ele possui uma vantagem absoluta da produção desse bem, Smith (1984). No entanto, aprimorando as ideias de Smith, David Ricardo concluiu que o país não precisava ter vantagem absoluta de um bem para obter êxito no comércio internacional.

De acordo com Ricardo (1984), dois países podiam ter êxito na comercialização de um bem se tivessem vantagem relativa na produção. Na sua definição, vantagem relativa significava, simplesmente, que a razão entre o trabalho incorporado nas mercadorias diferia entre os países (custo de oportunidade), de modo que cada um deles poderia ter, pelo menos, uma mercadoria na qual a quantidade relativa de trabalho incorporado seria menor do que a do outro país, ou seja, o padrão de produção de um país é determinado pelas vantagens comparativas.

No entanto, de acordo com Willianson (1998), essas teorias não explicavam os efeitos do comércio internacional, pois partiam do pressuposto de que o comércio era benéfico aos participantes. Então, com o objetivo de explicar a distribuição de renda entre os proprietários dos fatores produtivos, surge a Teoria das Proporções dos Fatores, proposta por Eli Heckscher e Berthil Ohlin.

A teoria Heckscher-Ohlin enfatiza as diferenças internacionais nas dotações de fatores como sendo a causa das vantagens comparativas. Essa teoria diz que um país exportará mercadorias que são intensivas no fator relativamente abundante no país ou região e importará mercadorias que são intensivas no fator escasso. Se caso um dos fatores mude, como aumentos no estoque de capital ou a disponibilidade de uma nova

tecnologia, isso implicará em uma nova fonte de vantagem comparativa, (WILLIANSO, 1998). Já as teorias mais recentes do comércio internacional (NTCI), sintetizadas por Helpman e Krugman (1985), destacam a economia de escala, a concorrência imperfeita, os padrões de demanda e a diferenciação dos produtos como sendo fatores determinantes do comércio, em especial dos produtos manufaturados.

3.2. Vantagem Comparativa

As teorias para a compreensão da competitividade no comércio internacional tiveram uma nova conotação a partir da Teoria das Vantagens Comparativas Reveladas propostas por Bela Balassa, em 1965. A ideia central de Balassa era identificar os produtos em que o país possuía vantagem comparativa na produção e na exportação, sendo, portanto, revelada, pois sua quantificação está baseada em dados *ex-post*, ou seja, pós-comércio, Balassa (1965).

De acordo com Gasques e Conceição (2002), o conceito de vantagem comparativa na teoria econômica, de modo sucinto, surge diante da necessidade de explicar porque os países fazem comércio entre si. Portanto, existe uma estreita relação com a diferença de produtividade entre diferentes países ou regiões: em uma relação bilateral, a lógica para poder explicar o comércio de determinado bem se encontra na maior produtividade de uma das nações. À medida que um lado possui uma maior produtividade na produção de um determinado produto do que outro, essa região se especializará naquilo com menor custo de oportunidade e exportará este bem em troca do outro onde a produtividade é maior no exterior.

Com base em Linder (1966), os países tendem a se especializar em produtos nos quais obtém vantagens comparativas, as quais poderiam se basear em fatores como processamento de matérias-primas em ampla oferta, superioridade tecnológica, técnicas administrativas e economias de escala. Contudo, o padrão de vantagens comparativas pode-se alterar por meio da diferenciação de produtos, adaptação a novas linhas de produção, marketing ou mudanças na renda per capita (alternando estrutura de demanda e exportações). Ainda segundo o autor, a modificação do padrão de vantagens comparativas seria mais facilmente verificada no caso do comércio de produtos manufaturados, nos quais a configuração seria mais causal e volátil do que o comércio de produtos primários.

Guimarães (1997) faz uma observação a cerca do processo dinâmico das vantagens comparativas, pois vários fatores podem afetar a pauta da exportação, entre estes se destacam as políticas públicas voltadas para incentivar setores específicos. Portanto, as posições Inter-setoriais na pauta de exportações nacionais podem ser modificadas. Assume-se, então, a ideia de que as vantagens comparativas podem ser construídas ou até mesmo destruídas no decorrer do tempo, o que se constitui em um processo dinâmico (GUIMARÃES, 1997).

Na literatura especializada encontram-se diversos artigos no qual é defendida a tese de que uma economia pode melhorar o seu bem-estar econômico através da especialização, segundo o princípio das vantagens comparativas. Uma maior eficiência na alocação dos recursos gera crescimento econômico. Portanto, de acordo com Hidalgo (2005), o comércio internacional é uma fonte importante de comércio para as firmas domésticas, pois estimula a eficiência.

Porter (2004, p.400) em um de seus estudos, conclui que:

As fontes da vantagem global originam-se basicamente de quatro causas: vantagem comparativa convencional, economias de escala ou curvas de aprendizagem (...), vantagens decorrentes da diversificação do produto e o caráter de bem público da tecnologia e das informações do mercado. Vantagem Comparativa: A existência de vantagem comparativa é um determinante clássico da concorrência global. Quando um país ou países possui vantagens significativas quanto ao fator custo e ao fator qualidade empregados na fabricação de um produto, esses países são locais de produção e as exportações fluem daí para outras partes do mundo. Nessas indústrias, a posição estratégica da empresa global nos países com uma vantagem comparativa é crucial para a sua posição no nível mundial.

Portanto, a teoria da vantagem comparativa defende a tese de que as transações econômicas entre países são benéficos, pois proporcionam ganhos para ambas as partes, desde que tenham diferentes custos de produção para os bens transacionados.

3.3. Vantagem Competitiva

Para Lafay (1990) a competitividade é a comparação dos custos entre dois ou mais países para um dado produto e a vantagem comparativa como sendo a comparação de custos entre diferentes produtos para um determinado país. Em geral, Lafay diz que a competitividade está diretamente relacionada com a conjuntura macroeconômica e pela mudança da taxa de câmbio real.

Porter (1999), diz que a vantagem competitiva vem da criação de valor que uma empresa consegue proporcionar a seus clientes e que também supere o seu custo de produção. Esse valor adicional se dá na forma de preço mais baixo e os mesmos benefícios oferecidos que sejam percebidos pelos consumidores como mais valiosos do que o preço mais alto cobrado por eles. Porter (1999) sugere ainda que sejam estabelecidas inter-relações entre unidades empresariais com o objetivo de criação de valor em empresas diversificadas.

No caso de uma empresa possuir recursos e competências que são difíceis de imitar e os explora de forma eficiente através de estratégias, ela consegue desfrutar por certo período de um retorno acima da média. Para que isso ocorra, é necessário que haja uma desvantagem de custo significativa por parte dos concorrentes que tentem imitar tais recursos e competências (BARNEY, 2002).

Gaspar (2001) diz que a vantagem competitiva é um diferencial dentro do mercado. O autor especifica o conceito de diferencial competitivo, no qual seria um conjunto de características que permite a empresa ser diferente por entregar mais valor, do ponto de vista dos clientes, diferenciando-se da concorrência e, por isso, obtendo vantagem no mercado.

Portanto, a vantagem competitiva está diretamente ligada, dentre outras coisas, aos custos de produção, aos fatores organizacionais da empresa e aos fatores macroeconômicos. Diante dessa prerrogativa, alguns autores segmentam o enfoque da competitividade em duas partes: o enfoque microeconômico e o enfoque macroeconômico.

Chudnovsky (1990), por exemplo, diz que no enfoque microeconômico a competitividade está relacionada ao desempenho da firma, que realiza avaliações em torno das características das organizações empresariais quanto a sua produção e vendas de um determinado produto em relação aos seus concorrentes. No enfoque macroeconômico, ainda segundo Chudnovsky (1990), a competitividade é definida

como a capacidade das nações apresentarem resultados econômicos, obtidos principalmente através de seus desempenhos no comércio internacional e até pela capacidade de elevar o bem estar geral de seus habitantes.

É interessante salientar a importância da parceria entre o setor público e o setor privado, pois as estratégias e a competitividade dependem, principalmente, do ambiente institucional. Para Costa (2007) é onde se encontra os sistemas legais de solução de disputas, as políticas macroeconômicas (principalmente a monetária, a fiscal e a cambial), as políticas tarifária e comercial, e as políticas setoriais adotadas pelo governo, assim como por governos de outros Países, parceiros comerciais e concorrentes.

Fato é que nos dias atuais a concorrência se tornou mais dinâmica, obrigando as empresas a serem mais competitivas, buscando a inovação nos produtos e também na cadeia produtiva. Os ambientes organizacionais (organizações que dão apoio aos negócios privados) e tecnológicos completam as variáveis determinantes da competitividade individual e sistêmica (ZYLBERSZTAJN, 2001).

Em uma economia globalizada, muitas das vantagens competitivas são frutos dos fatores locais, por isso ganham importância às concentrações geográficas de empresas (PORTER, 1999). Para Porter (1999), as indústrias internacionalmente competitivas são aquelas cujas empresas têm a capacidade e vontade de melhorar e inovar para manter uma vantagem competitiva.

3.4. A abordagem *Ex-ante* e *Ex-post*

Valdés (1996), citado por Gasques e Conceição (2002), diz que a competitividade internacional pode ser identificada como a habilidade de os empresários criarem, produzirem e comercializarem mercadorias e serviços com mais eficiência que seus rivais nos mercados doméstico e internacional. Diante disso, Silveira e Burnquist (2004) concluíram que o crescimento das exportações seria, então, uma consequência da competitividade, e não sua expressão.

Nesse contexto, Nassif e Hanashiro (2002) entendem que a melhoria da competitividade impõe-se como uma questão vital de sobrevivência das organizações, passando a ser conceituada como a capacidade de desenvolver e sustentar vantagens competitivas que permitam enfrentar a concorrência, sendo aquela condicionada a um conjunto de fatores internos e externos à empresa. Portanto, na literatura econômica

especializada surgem dois tipos de abordagem: a *ex-ante*, na qual a competitividade é vista como uma característica estrutural, restrita às condições de produção, e *ex-post*, onde esta é relacionada ao desempenho das exportações (HAGUENAUER, 1989).

Ainda de acordo com Haguenuer (1989), a abordagem *ex-post* é o conceito mais amplo que a competitividade pode ter, pois abrange as condições de produção e todos os fatores que prejudicam ou ajudam as exportações (política cambial, acordos internacionais, canais de comercialização e dos sistemas de financiamento e as estratégias das firmas). Ainda sobre essa abordagem, Macedo, Santos e Silva (2006) dizem que os resultados do desempenho não são capazes de fornecer orientações adequadas para as ações futuras, porém eles são provas concretas dos efeitos de todas as outras medidas adotadas no passado.

De acordo com Farina e Zylbersztajn (1998), a evolução na participação de mercado é um indicador de resultado que tem a vantagem de condensar múltiplos fatores determinantes do desempenho. Esse progresso aparece tanto na competitividade passada, que nada mais é do que o resultado de vantagens competitivas já adquiridas, como na adequação dos recursos utilizados pela empresa aos padrões de concorrência vigentes nos mercados de que participa.

Dado esses diferentes enfoques sobre a competitividade, tem-se dificuldade de mensurá-la, pois para Krugman e Obstfeld (2001) a competitividade de uma nação é mais complexa e difícil do que a concepção de competitividade das firmas, perdendo a consistência quando utilizada para avaliar a competitividade entre as nações, sendo aconselhado utilizar o conceito de produtividade. Portanto, na literatura especializada existem vários conceitos e enfoques sobre o tema, o que indica uma desigualdade na literatura sobre o significado de competitividade, apresentando ambiguidades e dificuldades a respeito do conceito e enfoque dado.

Diante do exposto até aqui, ressalta-se que um dos conceitos fundamentais no comércio internacional é o de competitividade. Por conseguinte, cabe explicar a direção utilizada nesta monografia que assume a competitividade como desempenho, ou seja, se baseia na abordagem *ex-post*, conforme identificada por Haguenuer (1989). Assim sendo, os resultados obtidos a partir dessa análise assume, segundo o autor, termos de competitividade revelada cujo o principal indicador é a participação do bem, que no caso desse estudo é calçados, no mercado, o Market-share.

4. METODOLOGIA

A presente seção irá apresentar os métodos utilizados que possibilitaram nortear o estudo. Este trabalho se caracteriza por ser de natureza quantitativa, pois os dados coletados foram tratados com artifícios estatísticos e matemáticos (SILVA e MENEZES, 2001), o que possibilitou diversas quantificações que permitiram extrair informações necessárias para a análise da vantagem comparativa da indústria de calçados cearense.

4.1. Tipologia da Pesquisa

A pesquisa também apresenta um propósito de ser descritiva, pois, segundo Silva e Menezes (2001), a pesquisa descritiva descreve as características de determinada população ou fenômeno e envolve o uso de técnicas padronizadas.

Logo, o estudo descreve as características de atuação da indústria que engloba o segmento de calçados do Ceará através dos produtos classificados no capítulo de mercadorias 64 da Nomenclatura Comum MERCOSUL (NCM) coletado no banco de dados, nomeado por ALICEWEB da SECEX/MDIC.

A elaboração deste trabalho contou com diversas fontes de pesquisa bibliográfica sobre o assunto, buscando desenvolver o tema sobre competitividade da atividade de Calçados Cearenses. Para isso foram utilizados livros, jornais físicos, revistas científicas, artigos e outros materiais retirados da rede eletrônica, no qual serviu de base para a construção desse estudo.

4.2. Coleta de dados

O estudo está fundamentado em dados secundários. As fontes secundárias originam-se do Sistema ALICEWEB, que é um banco de dados de programa de pesquisa, com acesso a partir da internet, por intermédio, respectivamente do sítio do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Nestes acessos foram obtidas todas as informações quantitativas referentes ao estudo.

A partir de 1997, o sistema ALICEWEB passa a adotar a Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM), possibilitando que os dados do comércio exterior brasileiro se adaptassem aos parâmetros utilizados pelo mundo para contabilizar o comércio internacional, facilitando a coleta e análise das estatísticas do comércio exterior. Em razão disto, escolheu-se uma série que se inicia em 1997 e termina em 2012.

Foram selecionados os produtos classificados como Calçados (capítulo 64), conforme a Nomenclatura Comum MERCOSUL (NCM) – ALICEWEB. No apêndice encontram-se os critérios feitos para as divisões das atividades econômicas do Ceará, pois o objetivo é de classificar os capítulos da NCM de acordo com os grupos de produtos e tabelas pertinentes a análise setorial das atividades econômicas do Ceará.

Os dados obtidos com a pesquisa foram analisados de forma descritiva e quantitativa. Foram coletados os principais destinos das vendas e compras do grupo de calçados cearenses, os principais estados exportadores de calçados do Brasil, a balança comercial cearense, entre outras informações que serão apresentadas ao longo do estudo.

4.3. Tratamento dos dados

O trabalho está fundamentado em indicadores baseados nos fluxos comerciais que permitiram avaliar a especialização internacional do setor de calçados cearense. Foram utilizados quatro índices neste estudo com o objetivo de mensurar a vantagem comparativa do grupo de calçados comercializados internacionalmente pelo Ceará.

O setor de calçados e suas partes abrange a posição de 6101 a 6106 no sistema ALICEWEB. O autor desse estudo simplificou a nomenclatura de calçados e suas partes, denominado assim porque é exportado calçados e partes de calçados, para a denominação de apenas calçados por motivos de estética textual. Portanto, a palavra calçados nesse trabalho faz referência a “calçados e suas partes”.

Os indicadores empregados são: o Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR), que foi originalmente desenvolvido por Balassa (1965), e aperfeiçoado, dentre outros autores, por Lafay (1990) através do indicador de contribuição ao saldo comercial (ICSC) e o proposto por Bender e Li (2002), através do indicador de vantagem comparativa revelada de Vollrath (RCAvi). Também foi utilizada a Taxa de Cobertura utilizada para identificar os pontos fortes e fracos da economia cearense.

A autora Balassa (1965), em seus estudos sobre competitividade, apresentou um indicador *ex-post*, o índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR). Segundo Hidalgo e Mata (2004), o conceito de IVCR indica que o comércio internacional “revela” as vantagens comparativas e competitivas. Figueiredo e Santos (2005) ressaltam que a vantagem comparativa é considerada como revelada porque é fundamentada em dados “*ex-post*”, ou seja, depois de realizado o processo de comercialização do bem. Portanto, os Cálculos do indicador Lafay e Vollrath estão baseados em dados observados do comércio, sendo, portanto, indicadores “*ex-post*” de competitividade.

Quando uma Região exporta uma grande quantidade de um determinado produto com relação ao que é exportado pelo país desse mesmo produto, isso significa que a Região possui uma vantagem comparativa na produção desse bem. Segundo Hidalgo e Mata (2005) e Carvalho, Caldas e Lima (2011), o índice de Balassa, assim como também o de Vollrath e Lafay, partem do pressuposto de que o País ou Região em questão possui uma tendência em se especializar nas exportações de produtos que ofereçam vantagens competitivas. Portanto, o indicador de Balassa e Vollrath devem resultar num valor acima de uma unidade (1) para os produtos ou indústrias serem considerados competitivos e o indicador de Lafay terá que ter como resultado um valor acima de zero.

Esses índices levam em consideração os termos do fluxo de comércio e associam com o desempenho global de comércio para o país, com base no mesmo fluxo, que pode tanto ser exportação (X), como importação (M), como o comércio líquido (X-M).

A análise da dinâmica e da vantagem comparativa do setor de calçados cearense será efetuada levando-se em conta os dados do comércio exterior de onde foi calculado: a evolução do produto exportado, taxa de crescimento da exportação, participação no total exportado pelo estado, Indicador de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR), Indicador de Vantagem Comparativa Revelada de Vollrath (RCAvi), Indicador de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC) e a Taxa de Cobertura do produto em questão

(TCi) para verificar se calçados é um “ponto forte” na economia cearense com relação ao cenário internacional.

4.3.1 Os Indicadores de Vantagem Comparativa

O IVCR proposto por Balassa (1965) para uma Região ou país j em um setor industrial pode ser definido como:

$$IVCR = \frac{\frac{X_{ij}}{X_{ik}}}{\frac{X_j}{X_k}} \quad (1)$$

Sendo que:

$IVCR_{ij}$ = vantagem comparativa revelada do produto i do país j ;

X_{ij} = é o valor das exportações do i -ésimo produto da j -ésima região ou país

X_{ik} = é o valor das exportações do i -ésimo produto do k -ésimo conjunto de referência (região, país ou países)

X_j = é o valor total das exportações da j -ésima região ou país

X_k = é o valor total das exportações do k -ésimo conjunto de referência (região, país ou países).

Onde “ i ” corresponde ao grupo de Calçados, “ j ” representa o estado do Ceará e “ k ” representa o país Brasil.

Segundo Barbosa e Waquil (2001), o IVCR acima da unidade indica que a área em estudo possui uma vantagem comparativa. Já a obtenção de valores abaixo da unidade, o país ou a área em questão apresenta uma desvantagem comparativa revelada.

No entanto, de acordo com Hidalgo e Mata (2004), este indicador possui uma desvantagem de uso: seus valores de resultados são assimétricos. Caso um país ou região obtenha a vantagem comparativa, o IVCR assumirá um valor entre $(1, \infty)$ e caso haja desvantagem, o intervalo do valor ficará entre um valor de $(-1,1)$. Nota-se, portanto, uma assimetria no intervalo desses valores.

Para superar esta deficiência do ponto de vista da sua interpretação o autor Laursen (1998), citado por Hidalgo e Mata (2004), introduziu um índice normalizado

(IVCRS) – Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrico. Caso o resultado desse indicador esteja no intervalo entre (-1,0) o produto terá vantagem comparativa na economia local. Se o resultado ocorrer no intervalo de (-1,0), o produto apresentará desvantagem comparativa revelada. Logo, o índice de Laursen (1998) é calculado pela expressão abaixo:

$$IVCRS_{ij} = \frac{(IVCR_{ij} - 1)}{(IVCR_{ij} + 1)}$$

Sendo que:

IVCRS_{ij} = vantagem comparativa revelada simétrica do produto i do país j;

IVCR_{ij} = vantagem comparativa revelada do produto i do país j;

O produto “i” da equação acima corresponde ao grupo de calçados do Ceará e “j” o país Brasil.

Na literatura econômica é comum a utilização do indicador de Balassa (IVCR) para auferir o desempenho da vantagem comparativa de um país ou região. Alguns autores, como Bender e Li (2002), afirmam que o indicador IVCR incorre em uma dupla contagem do setor no total do país ou região e do país ou região no total do mundo. Para resolver esse problema, os autores sugerem a aplicação do índice de vantagem comparativa revelada de Vollrath (RCA_{vi}), que pode ser expresso pela seguinte equação:

$$RCA_{vi} = \frac{\frac{X_{ij}}{[\sum_i X_{ij}] - X_{ij}}}{\frac{[\sum_j X_{ij}] - X_{ij}}{[(\sum_j \sum_i X_{ij}) - (\sum_j X_{ij})] - [(\sum_i X_{ij}) - X_{ij}]}} \quad (2)$$

De onde:

RCA_{vi} = Índice de Vantagem Comparativa Revelada de Vollrath

X_{ij} = Total exportado do setor “i” do país “j”

$\Sigma_i X_{ij}$ = Total exportado do país “j”

$\Sigma_j X_{ij}$ = Total das exportações mundiais do setor “i”

$\Sigma_j \Sigma_i X_{ij}$ = Total das exportações mundiais

A interpretação dos resultados gerados pelo indicador de Vollrath é o mesmo do IVCR proposto por Balassa, isto é, se o valor do indicador de RCA_{vi} for maior do que a unidade, logo ele terá vantagem comparativa, caso contrário, apresentará desvantagem comparativa revelada de Vollrath. De acordo com Carvalho, Caldas e Lima (2011), “quanto maior o valor do índice de Vantagens Comparativas Reveladas de Vollrath maior será a capacidade que determinado setor terá para competir no mercado internacional”.

O outro indicador é o Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC), desenvolvido por Lafay (1990). Este indicador leva em consideração às importações. A construção desse índice está baseada na comparação do saldo comercial observado para o produto ou grupo de produtos, com o saldo teórico para esse mesmo produto. Se o saldo observado durante um período determinado for maior do que o saldo teórico, ocorrerá vantagem comparativa revelada. O ICSC é calculado da seguinte maneira:

$$ICSC = \left[(X_i - M_i) - (X - M) * \frac{(X_i + M_i)}{(X + M)} \right] * \frac{100}{(X + M)/2} \quad (3)$$

X_i = as exportações do produto i

M_i = as importações do produto i

X = exportações totais da referida região

M = importações totais da referida região

O termo dentro dos colchetes, $(X_i - M_i)$, representa a balança comercial observada do produto i, enquanto o termo, $(X - M) * (X_i + M_i) / (X + M)$, corresponde a balança comercial teórica do produto i. Se o ICSC_{ij} for positivo, o produto i expressa vantagem comparativa revelada. Por reverso, para valores negativos do ICSC, o produto exhibe desvantagem comparativa revelada. É importante salientar que o saldo teórico nada mais é do que um pressuposto, representando uma circunstância em que a participação de cada produto no saldo global seria igual à sua participação relativa no fluxo de comércio (HIDALGO; MATA, 2004).

Quando o valor do $ICSC_{ij} > 0$, o produto da região i apresenta vantagem comparativa revelada. Caso ao contrário, $ICSV_{ij} < 0$, o produto apresentará desvantagem.

A taxa de cobertura é usada para relacionar as exportações com as importações do produto i . É um indicador bastante utilizado para obter informações que auxiliam na análise da competitividade. A taxa de cobertura do produto i é definida como sendo o quociente entre as exportações e as importações do produto i , ou grupo de produtos de um país ou região.

$$TC_i = \frac{X_i}{M_i} \quad (4)$$

TC_i = Taxa de cobertura do produto i

X_i = Exportações do produto ou grupo de produtos i

M_i = Importações do produto ou grupo de produtos i

De acordo com Hidalgo (1998), esse indicador mostra o quanto as exportações são maiores/menores que as importações do produto i . Quando $TC_{ij} > 1$, diz-se que houve uma vantagem comparativa em termos de cobertura das importações, ou seja, as exportações do produto i são maiores que suas importações. Hidalgo (1998) destacava esse método proposto por Gutman e Miotti (1996), como uma forma de identificar o “ponto forte” e o “ponto fraco” na pauta de produtos locais comercializados com o exterior. Caso o produto apresente ao mesmo tempo vantagem comparativa e taxa de cobertura superior a unidade, esse produto é considerado como um “ponto forte” na economia da região. Em contrapartida, se o produto apresentar simultaneamente taxa de cobertura inferior à unidade e desvantagem comparativa, o produto será considerado como “ponto fraco” no mercado regional. E, caso apresente vantagem comparativa e taxa de cobertura inferior ou vice-versa, o produto será considerado como “ponto neutro” na economia. É importante salientar que os “pontos fortes” permitem oportunidades de melhor colocação dos produtos no mercado internacional. (HIDALGO,1998).

No Quadro 1 é mostrado uma síntese dos indicadores de vantagem comparativas com os seus respectivos objetivos.

Quadro 1: Síntese dos Indicadores de Vantagem Comparativa

| Indicador | Fórmula | Objetivo |
|-------------------------------|--|--|
| Indicador de Balassa (IVCR) | $VCR = \frac{X_{ij}}{\frac{X_{ik}}{X_j} X_k}$ | Identificar os setores nos quais determinado país apresenta ou não vantagem comparativa. |
| Indicador de Vollrath (RCAvi) | $\frac{\frac{X_{ij}}{[\sum_i X_{ij}] - X_{ij}}}{\frac{[\sum_j X_{ij}] - X_{ij}}{[(\sum_j \sum_i X_{ij}) - (\sum_j X_{ij})] - [(\sum_i X_{ij}) - X_{ij}]}}$ | O objetivo é o mesmo do indicador de Balassa, só que elimina a dupla contagem do setor no total do país e do país no total do mundo. |
| Indicador de Lafay (ICSC) | $\left[(X_i - M_i) - (X - M) * \frac{(X_i + M_i)}{(X + M)} \right] * \frac{100}{(X + M)/2}$ | O objetivo é o mesmo do indicador de Balassa, só que leva em consideração a variável importação. |
| Taxa de Cobertura | $\frac{X_i}{M_i}$ | Dizer o quanto das exportações cobre as importações. |

Fonte: Elaborado pelo o autor com base na literatura consultada

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção serão expostas, em primeiro lugar, dados gerais sobre o comércio de calçados do Estado do Ceará com o mercado externo: O fluxo comercial do grupo de calçados, os principais destinos das vendas e compras dessa atividade, com o objetivo de mostrar a dimensão econômica da indústria calçadista cearense no comércio exterior. Em seguida, serão apresentados os resultados obtidos dos indicadores de vantagem comparativa propostos anteriormente, comparando os resultados obtidos do Ceará com os demais estados brasileiros e com as atividades econômicas do Estado.

5.1. A dinâmica do comércio internacional de calçados do Ceará no período de 1997 a 2012

O período escolhido para análise do grupo de calçados cearense abrange grandes mudanças macroeconômicas da economia brasileira, como a estabilidade econômica conseguida pelo plano real, a crise cambial decorrente da crise asiática, a mudança cambial no final de 1999 e, recentemente, a crise de 2008 e da Europa. Segundo Costa (2007), a força motriz para a inserção do setor calçadista cearense no mercado externo foi a vinda de empresas exportadoras atraídas, especialmente, pela redução de custos do seu processo produtivo. De fato, como apresentado na Tabela 01, a exportação de calçados cearense apresenta uma tendência de crescimento em quase todo o período estudado.

Tabela 01: Valor das Exportações Total e de Calçados do Ceará (US\$ bilhões FOB)

| Ano | Ceará | | | |
|------|---------------------|---------|------------------|---------|
| | Exportação Calçados | Var (%) | Exportação Total | Var (%) |
| 1997 | 35.324.950 | --- | 353.002.493 | --- |
| 1998 | 65.627.412 | 85,78 | 355.246.242 | 0,64 |
| 1999 | 71.651.803 | 9,18 | 371.234.015 | 4,50 |
| 2000 | 81.284.307 | 13,44 | 495.338.674 | 33,43 |
| 2001 | 106.470.829 | 30,99 | 527.668.107 | 6,53 |
| 2002 | 110.782.112 | 4,05 | 545.023.335 | 3,29 |
| 2003 | 167.541.813 | 51,24 | 762.602.719 | 39,92 |
| 2004 | 186.578.581 | 11,36 | 861.567.940 | 12,98 |
| 2005 | 205.298.956 | 10,03 | 933.589.116 | 8,36 |
| 2006 | 237.938.801 | 15,90 | 961.874.415 | 3,03 |
| 2007 | 300.847.336 | 26,44 | 1.148.357.273 | 19,39 |
| 2008 | 347.041.568 | 15,35 | 1.276.970.342 | 11,20 |
| 2009 | 298.253.179 | -14,06 | 1.080.168.033 | -15,41 |
| 2010 | 403.466.381 | 35,28 | 1.269.498.551 | 17,53 |
| 2011 | 365.963.180 | -9,30 | 1.403.295.759 | 10,54 |
| 2012 | 338.648.951 | -7,46 | 1.266.967.291 | -9,71 |

Fonte: Sistema AliceWeb2/SECEX/MDIC. Elaboração Própria

A partir de 2009 verificam-se oscilações entre taxas positivas e negativas de crescimento. É importante destacar que esse foi o período que o mercado mundial foi tomado pela crise americana afetando a economia global, pois ocorreu uma retração da demanda interna de alguns países, principalmente os das nações desenvolvidas, influenciando diretamente o movimento das exportações brasileiras. Ainda no período em análise, em decorrência da crise americana, as vendas externas de calçados do Ceará recuaram 14,06% em 2009 com relação ao ano de 2008.

Já para o ano de 2011, crise mundial, houve um declínio de 9,3% em comparação com 2010 e em 2012 registrou uma queda de 7,46% em confronto com 2011 (Tabela 01). O destaque ficou para os anos de 1998, 2003 e 2010, no qual as vendas do produto calçadista cearense cresceram, respectivamente, (85,78%), (51,24%) e (35,28%). As vendas totais das exportações cearenses tiveram queda para o mesmo período em análise, com exceção de 2011, no qual registrou um crescimento de 10,54% com relação ao ano de 2010. Logo, os números sinalizam para um possível problema de conjuntura econômica e não para uma crise no setor de calçados.

Quando se analisa a evolução da participação do grupo de calçados na cesta de bens exportados do Ceará, nota-se que, apesar de mostrar queda nos períodos citados acima, há um registro no progresso da sua participação com relação ao total vendido pelo Estado, indicando uma tendência de crescimento do setor e reforçando a importância desse grupo no cenário local, conforme mostrado no gráfico 01. Batalha e Silva (1999) e Gasques e Conceição (2002), dizem que uma maior participação nas exportações é uma forma de avaliação e julgamento do mercado, quanto à eficiência, pois se está ocorrendo crescimento nas exportações, significa que as políticas econômicas e as medidas adotadas pela empresa estão obtendo êxito no mercado.

Gráfico 01: Evolução da participação de calçados na exportação total do Ce (%)



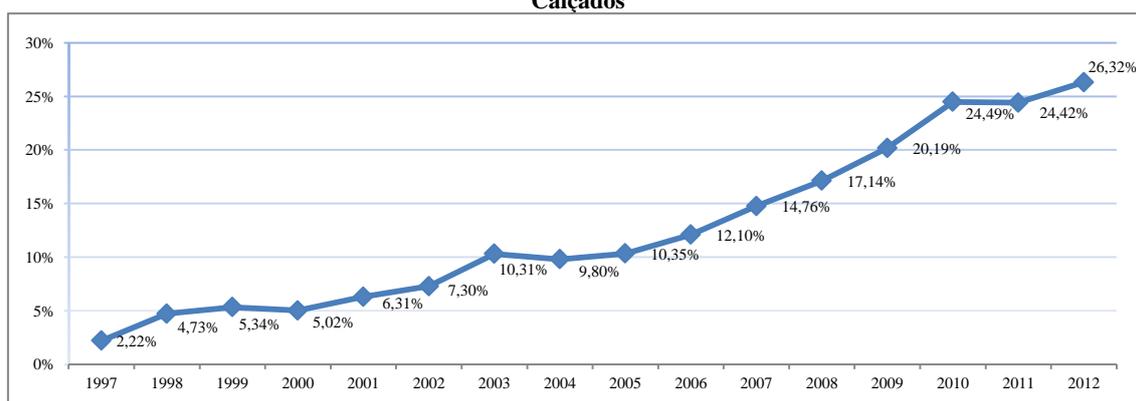
Fonte: Sistema AliceWeb2/SECEX/MDIC. Elaboração Própria

Os dados também indicam certo grau de concentração do grupo de calçados dentro da cesta de exportação do Estado. Em 1997, o setor de calçados já respondia por 10% do total da cesta de produtos cearenses vendidos para o mundo. No período de 2010, o grupo de calçados representava 31,78% do total vendido pelo estado. Foi também neste período que a economia estadunidense e a do Reino Unido voltaram a crescer, mesmo com taxas reduzidas, impactando diretamente no saldo comercial desse grupo. Esses países foram os principais compradores de calçados para aquele ano. (ABICALÇADOS, 2010)

Examinando o ano de 2011 verifica-se uma queda em sua participação, porém no ano de 2012 ocorreu um leve crescimento, fechando com uma participação de 26,73% do total de mercadorias vendidas pelo estado.

Quando se confronta o valor exportado de calçados cearense com o de calçados nacionais, é perceptível que o Ceará se destaca também em nível nacional. Pelo Gráfico 02, tem-se uma tendência de crescimento para todo o período observado. Em 1997, o Ceará participava com 2,2% do total exportado de calçados pelo Brasil. Já em 2012, esse percentual salta para 26,32%. De acordo com as informações obtidas, pode-se verificar o status que o grupo de calçados cearense possui no setor calçadista nacional, pois no ano de 2010 esse segmento ocupou o terceiro lugar na colocação dos maiores pólos produtores calçadistas no país e é o Estado que possui o maior valor exportado quando comparado com a região nordestina.

Gráfico 02: Evolução da Participação das Exportações Cearenses de Calçados nas Exportações Brasileiras de Calçados



Fonte: Sistema AliceWeb2/SECEX/MDIC. Elaboração Própria

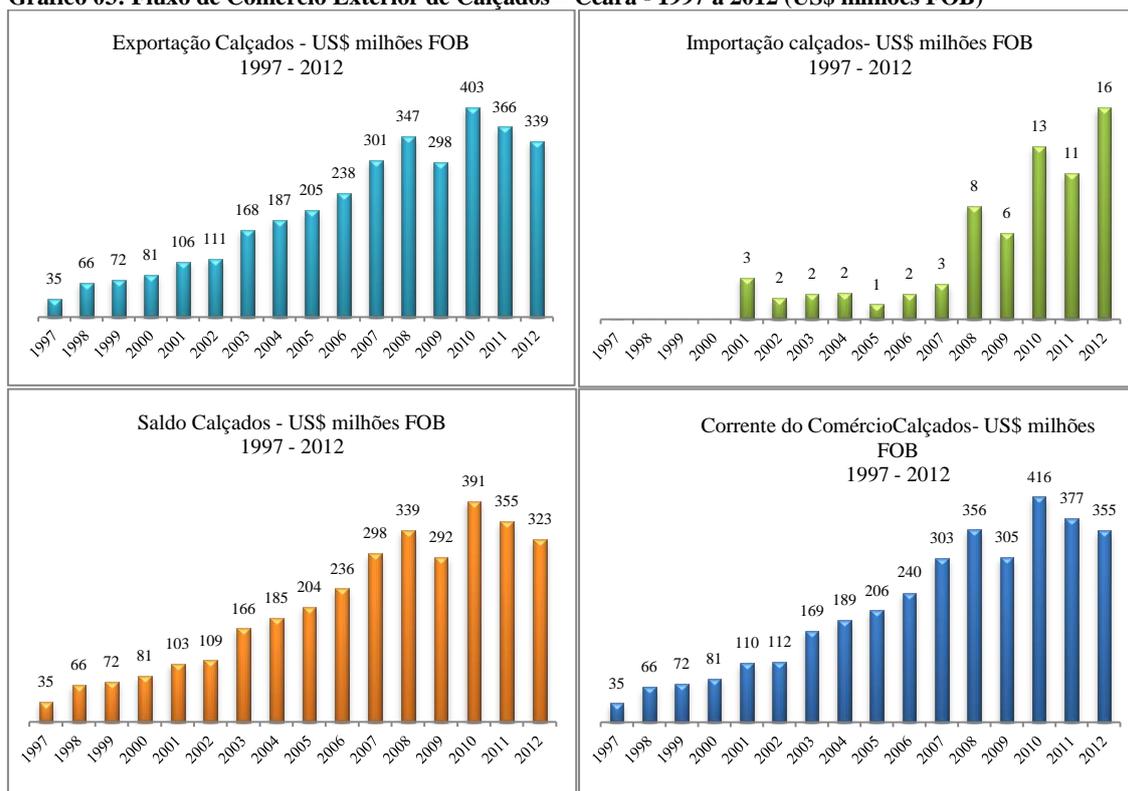
De acordo com Costa (2007), o progresso deste setor cearense em nível local e nacional é explicado pela migração da cadeia produtiva do Sul para o Nordeste. Os governos estaduais nordestinos ofereceram atrativos à indústria de calçados e na época este mercado vivenciava uma forte concorrência internacional. Então, visando redução

de custos de produção para baratear a mercadoria, ocorreu essa migração. O Estado do Ceará se destacou ao receber a indústria calçadista frente aos demais estados da Região Nordeste, afetando, desde então, a sua pauta de exportação a partir de 1995 até os dias atuais.

Por outro lado, a abertura econômica ocorrida na década de noventa influenciou de forma positiva, de modo geral, esse setor, pois o saldo comercial em quase todo período apresenta um movimento ascendente no Ceará e no Brasil.

Ainda sobre a exportação do setor calçadista, nota-se um considerável salto quantitativo em termos de valor exportado. Em 1997 era de US\$ 35 milhões de dólares, chegando a atingir o valor de US\$ 403 milhões em 2012. Contudo, o valor das importações, ainda que em ritmo menor, vêm aumentando ao longo do período estudado, representado, principalmente, pelos produtos oriundos da Ásia (Gráfico 03).

Gráfico 03: Fluxo de Comércio Exterior de Calçados – Ceará - 1997 a 2012 (US\$ milhões FOB)



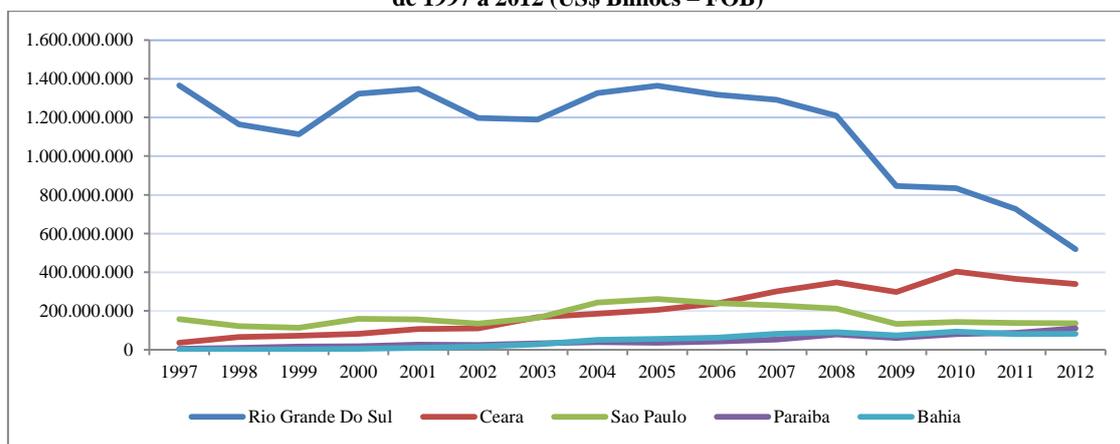
Fonte: Sistema AliceWeb2/SECEX/MDIC. Elaboração Própria

O saldo da balança comercial do grupo de calçados apresenta valores positivos desde 1997. Vale mais uma vez destacar os anos de 2009, 2011 e 2012, pois foram anos difíceis para o comércio internacional. Nesse período ocorreu uma retração do mercado externo em decorrência das consequências das crises americana e europeia. A tendência de diminuição do valor exportado não só atingiu o setor de calçados local, mas toda a

balança comercial regional e nacional. Para se ter uma ideia, a balança comercial cearense é deficitária desde de 2007, chegando a registrar em 2012 o valor de quase US\$ 1,3 bilhões de produtos exportados contra quase US\$ 2,9 bilhões das importações em 2012 (SOUZA, CAVALCANTE E FEITOSA, 2013)

Considerando a situação dos estados exportadores de calçados, Rio Grande do Sul lidera ao longo de toda a série. No entanto, mostra uma tendência de queda a partir de 2007. Em seguida, tem-se o estado do Ceará que desde 2007 assumiu a vice-liderança, deixando o estado de São Paulo no terceiro lugar (Gráfico 04). Os cinco principais estados exportadores desse segmento representam cerca de 92,38% do total vendido de calçados pelo Brasil em 2012.

Gráfico 04 : Evolução das exportações dos cinco principais estados exportadores de calçados do Brasil no ano de 1997 a 2012 (US\$ Bilhões – FOB)



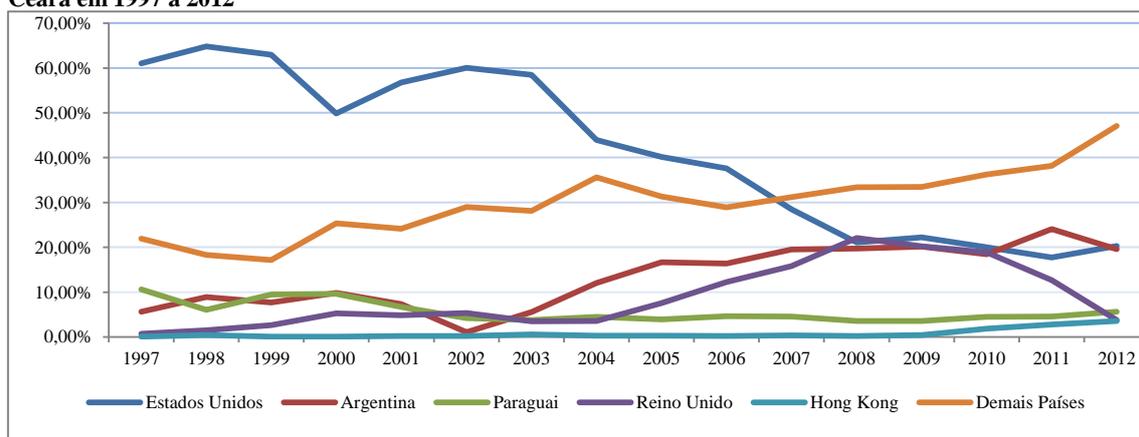
Fonte: Sistema AliceWeb2/SECEX/MDIC. Elaboração Própria

Em contra partida, São Paulo foi o estado que mais importou o produto em 2012, seguido pelos estados da Paraíba e Paraná. Os valores absolutos das importações de calçados por estado encontram-se no apêndice C no final desse estudo. Com relação aos destinos dos produtos de calçados do Ceará, os Estados Unidos, Argentina e Paraguai foram os principais parceiros comerciais deste segmento para o ano de 2012 (Gráfico 05). Foram comprados cerca de US\$ 68,8 milhões de calçados pelos os E.U.A, representando uma participação de 20,3% do total vendido de calçados pelo estado. Em seguida, tem-se a Argentina, que respondeu por 19,6% de participação e Paraguai, com 6% respectivamente. Dentro desse grupo de países, destacam-se os Estados Unidos que, historicamente, é um dos principais parceiros nas compras do setor de calçados cearenses e brasileiro, e a Argentina que a partir de 2002 vem se configurando como um importante mercado consumidor de calçados cearenses. No entanto, em 2011, esse país

teve certa responsabilidade nas quedas das exportações calçadista, pois como apresentado no sitio da Abicalçados, nesse ano houve problemas de liberalização de licenças para a entrada de calçados no mercado argentino levando prejuízos, principalmente, a empresas calçadistas cearenses.

Pelo Gráfico 05 pode-se ver a evolução da participação dos cinco principais destinos das exportações de calçados. Em 1997, as vendas se concentravam em torno dos Estados Unidos e o estado cearense ainda exportava para mais 42 países. No ano de 2012 tem-se uma relativa mudança no panorama das exportações calçadista cearense, a começar pelo número de parceiros comerciais, que saltou de 43 para 107. Os E.U.A continuam sendo o principal destino de calçados em 2012, porém com menos concentração quando comparado com o ano de 1997, que respondia por 61% do total exportado de calçados. Já em 2012 os E.U.A apresentava quase 21 % do total vendido desse produto para o mundo.

Gráfico 05: Evolução da participação (%) dos cinco principais destinos das exportações de Calçados do Ceará em 1997 a 2012



Fonte: Sistema AliceWeb2/SECEX/MDIC. Elaboração Própria

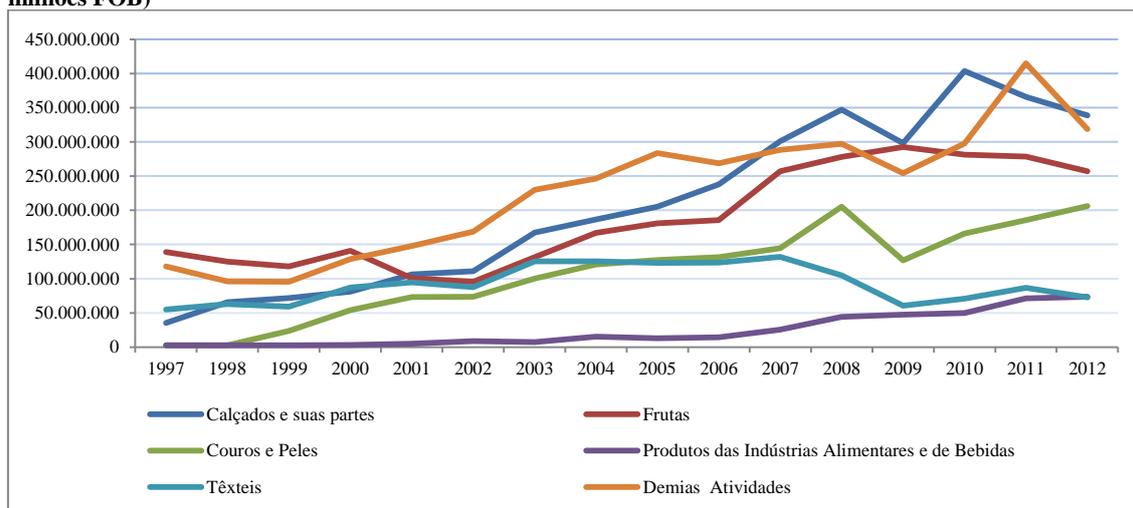
Quanto às importações, é interessante ressaltar os países asiáticos, Vietnã e Indonésia. Esses dois países, em 2012, responderam pelo valor de US\$ 7,9 e 3,8 milhões de dólares comprados pelo estado do Cará, alcançando o primeiro e segundo lugar respectivamente no ranking de países importadores de calçados. (apêndice E)

De acordo com Sousa (2009), os grandes produtores mundiais de calçados, atraídos pela mão-de-obra barata e abundante, regalias fiscais e direitos trabalhistas quase inexistentes, instalaram suas linhas de produções nessas regiões (Vietnã, Indonésia, China e outros países asiáticos), com o propósito de reduzir o custo médio de produção, barateando assim a mercadoria e aumentando a competitividade de seus

produtos e obtendo ganhos de escalas econômicas. Vale acentuar que essa migração é uma tendência e estratégia desse mercado, como já explicado neste trabalho.

Com relação às atividades exercidas pela economia do Ceará, torna-se evidente que o grupo de calçados é a principal atividade da indústria cearense no cenário internacional (Gráfico 06).

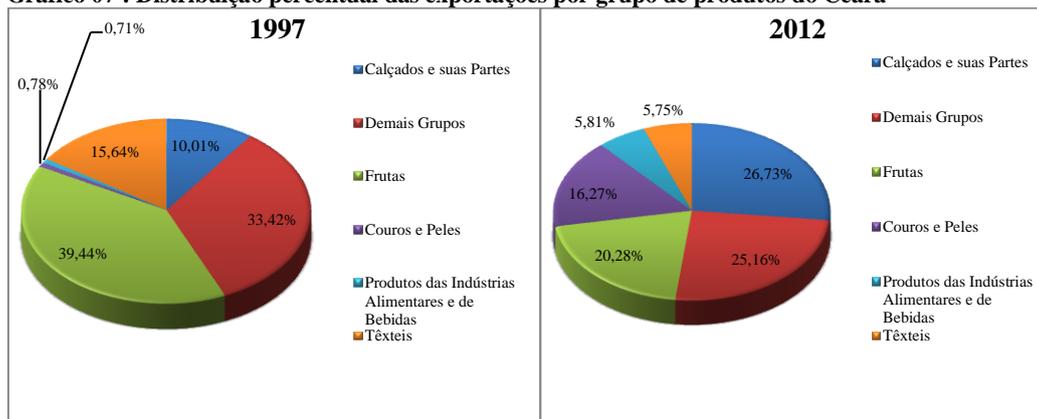
Gráfico 06: Evolução dos cinco principais grupos de produtos exportados pelo Ceará 1997 a 2012 (US\$ milhões FOB)



Fonte: Sistema AliceWeb2/SECEX/MDIC. Elaboração Própria

Desde 2001 o grupo de calçados lidera a pauta de exportação do Ceará, sem oscilações com relação à colocação no ranking, conforme mostrado no Gráfico 06. A instalação do setor de calçados no Ceará acarretou numa mudança da cesta de produtos exportados, deixando para trás setores que habitualmente contribuem para o rendimento do comércio exterior local, como o setor de frutas.

Pelo Gráfico 07, no ano de 1997, calçados respondia por apenas 10,01% (cerca de US\$ 35,3 milhões) do total exportado pelo Estado. Nesta época, o setor que liderava as exportações era o grupo de frutas, que participavam com 39,44% do total vendido, arrecadando cerca de US\$ 139,3 milhões para o estado. Quando se confronta 1997 com o último período na análise (2012), o setor Calçados assume a liderança das exportações, chegando a alcançar uma participação de 26,73%, gerando uma receita de aproximadamente US\$ 338,6 milhões. Logo em seguida, tem-se o produto Frutas com 20,28%, gerando 256,9 US\$ milhões de dólares. As exportações calçadistas cresceram cerca de 858,67% entre 1997 e 2012 no Ceará.

Gráfico 07 : Distribuição percentual das exportações por grupo de produtos do Ceará

Fonte: Sistema AliceWeb2/SECEX/MDIC. Elaboração Própria

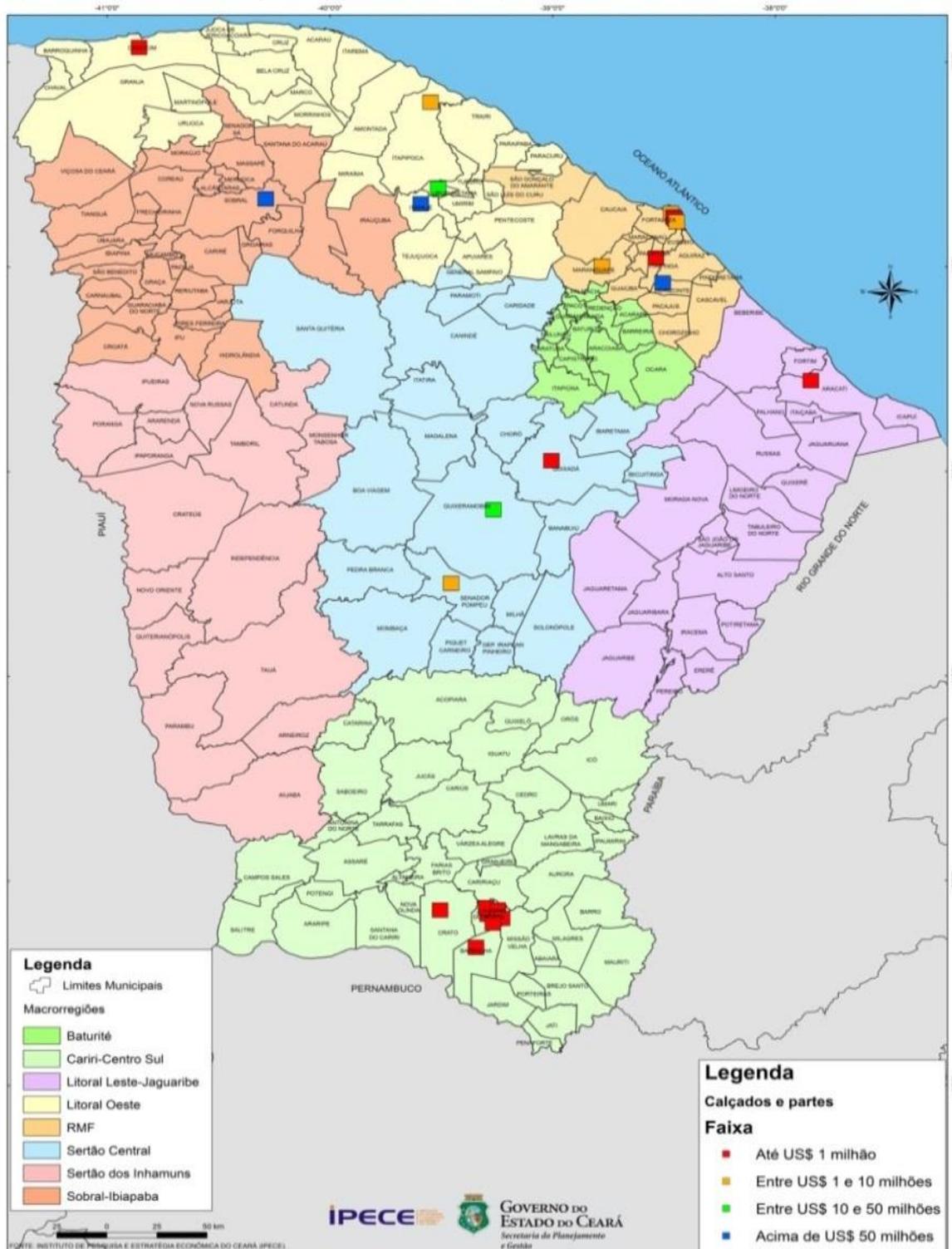
No quadro 02 têm-se as empresas exportadoras de calçados do estado do Ceará em 2011.

Quadro 02: Empresas Exportadoras Cearenses de Calçados em 2011

| Empresas | Faixas | Municípios |
|---|----------------------------|-------------------|
| Vulcabras Azaleia - Ce, Calçados E Artigos Esportivos S | Acima de US\$ 50 milhões | Horizonte |
| Paqueta Calçados Ltda. | Acima de US\$ 50 milhões | Itapage |
| Grendene S A | Acima de US\$ 50 milhões | Sobral |
| Calçados Aniger Nordeste Ltda | Entre US\$ 10 e 50 milhões | Quixeramobim |
| Paqueta Calçados Ltda. | Entre US\$ 10 e 50 milhões | Uruburetama |
| Shoes Exportadora E Importadora Ltda | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Fortaleza |
| Dass Nordeste Calçados E Artigos Esportivos Ltda | Entre US\$ 1 e 10 milhões | itapipoca |
| Dakota Nordeste S/A | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Maranguape |
| Calçados Senador Pompeu Ltda. | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Senador Pompeu |
| Brazex Comercial Exportadora Ltda | Entre US\$ 1 e 10 milhões | Fortaleza |
| H.Bettarello Curtidora E Calçados Ltda | Até US\$ 1 milhão | Aracati |
| Ibk - Industria De Borracha E Calçados Kaiana Ltda | Até US\$ 1 milhão | Barbalha |
| Democrata Nordeste Calçados E Artefatos De Couro Ltda | Até US\$ 1 milhão | Camocim |
| Grendene S A | Até US\$ 1 milhão | Crato |
| Industria E Comercio De Calçados Dolmine Ltda - Epp | Até US\$ 1 milhão | Fortaleza |
| Top Couros Industria E Comercio De Calçados Ltda Epp | Até US\$ 1 milhão | Fortaleza |
| Filippsen Componentes Para Calçados Nordeste Ltda | Até US\$ 1 milhão | Itaitinga |
| Industria De Calçados Ballina Ltda | Até US\$ 1 milhão | Juazeiro do Norte |
| Industrial Bopil De Calçados Ltda | Até US\$ 1 milhão | Juazeiro do Norte |
| Industria De Calçados Via Beach Ltda | Até US\$ 1 milhão | Juazeiro do Norte |
| Industria De Calçados Mikalce Ltda | Até US\$ 1 milhão | Juazeiro do Norte |
| Mississippi Industria De Calçados S/A | Até US\$ 1 milhão | Quixada |
| Tecnolity Do Nordeste Ltda | Até US\$ 1 milhão | Juazeiro do Norte |

Na figura 01 tem-se o mapa de localização de todas as empresas cearenses de calçados que possuem dados no sitio do MDIC (Figura 1)

Figura 1: Localização das Empresas Exportadoras de Calçados do Ceará em 2011



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração: IPECE 2013

5.2. A análise dos índices de vantagem comparativa de calçados do Ceará com relação aos demais estados brasileiros

Nessa parte do estudo serão apresentados os resultados dos indicadores de vantagens comparativas reveladas.

Torna-se importante explicar que os cálculos expostos do indicador do Balassa (IVCR), do Vollrath (RCVAvi) e do Lafay (ICSC) nessa parte do estudo foram feitas com relação à exportação de calçados dos estados, pois o objetivo aqui é de verificar a vantagem comparativa de calçados do Ceará com relação aos resultado dos demais estados brasileiros. Lembrando que para uma região ou país obter vantagem comparativa, segundo Balassa, o IVCR terá que ser maior que um.

Nota-se que o estado do Ceará apresenta vantagem comparativa revelada ao longo de todo o período estudado. Com relação aos grandes produtores nacionais de calçados, Rio Grande do Sul e São Paulo (ABICALÇADOS, 2010), o Estado cearense se destaca por apresentar o melhor resultado de vantagem comparativa a partir de 2002 comparando com o Rio Grande do Sul e ao longo de toda a série histórica quando confrontado com São Paulo, conforme apresentado na Tabela 02.

Tabela 02: índice de Vantagem comparativa revelada (IVCR) de Calçados dos estados brasileiros

| ESTADOS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 |
|---------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Paraíba | 1,51 | 6,68 | 9,33 | 7,46 | 8,73 | 8,00 | 8,68 | 9,18 | 9,40 | 14,04 | 17,65 | 33,50 | 39,99 | 44,98 | 65,54 | 85,76 |
| Ceara | 3,33 | 6,81 | 6,90 | 5,59 | 6,97 | 8,09 | 9,89 | 11,00 | 13,13 | 17,33 | 20,65 | 26,56 | 28,60 | 38,95 | 44,55 | 50,40 |
| Sergipe | 0,00 | 1,85 | 3,27 | 0,19 | 1,19 | 0,66 | 1,51 | 1,78 | 1,09 | 6,76 | 5,15 | 13,06 | 13,03 | 29,06 | 23,73 | 26,02 |
| Rio Grande Do Sul | 7,24 | 7,62 | 7,96 | 7,79 | 7,33 | 7,46 | 6,67 | 6,79 | 7,77 | 7,82 | 6,78 | 6,42 | 5,75 | 6,64 | 6,40 | 5,64 |
| Pernambuco | 0,03 | 0,04 | 0,02 | 0,11 | 0,09 | 0,19 | 0,38 | 0,54 | 0,48 | 0,78 | 1,01 | 1,20 | 0,59 | 0,72 | 1,00 | 1,44 |
| Bahia | 0,00 | 0,00 | 0,04 | 0,09 | 0,14 | 0,28 | 0,38 | 0,63 | 0,56 | 0,65 | 0,88 | 1,02 | 1,09 | 1,29 | 1,26 | 1,39 |
| Santa Catarina | 0,21 | 0,21 | 0,22 | 0,21 | 0,18 | 0,21 | 0,22 | 0,21 | 0,24 | 0,26 | 0,26 | 0,32 | 0,35 | 0,43 | 0,49 | 0,52 |
| Sao Paulo | 0,29 | 0,25 | 0,23 | 0,27 | 0,26 | 0,27 | 0,32 | 0,40 | 0,41 | 0,37 | 0,35 | 0,36 | 0,32 | 0,34 | 0,40 | 0,43 |
| Mato Grosso Do Sul | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,22 | 0,29 | 0,27 | 0,21 |
| Rondonia | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,02 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,03 | 0,06 | 0,16 |
| Parana | 0,06 | 0,04 | 0,04 | 0,06 | 0,06 | 0,06 | 0,05 | 0,06 | 0,06 | 0,05 | 0,09 | 0,08 | 0,07 | 0,09 | 0,11 | 0,10 |
| Minas Gerais | 0,02 | 0,02 | 0,02 | 0,03 | 0,07 | 0,03 | 0,07 | 0,09 | 0,07 | 0,07 | 0,07 | 0,06 | 0,07 | 0,07 | 0,09 | 0,10 |
| Acre | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 2,61 | 0,48 | 1,16 | 6,40 | 0,00 | 0,05 | 0,02 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,05 | 0,06 |
| Distrito Federal | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,02 | 0,01 | 0,00 | 0,19 | 0,01 | 0,03 | 0,07 | 0,01 | 0,05 |
| Espirito Santo | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,02 | 0,03 | 0,02 | 0,02 | 0,02 | 0,02 | 0,02 | 0,03 | 0,05 |
| Rio De Janeiro | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,03 |
| Goias | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,03 | 0,02 | 0,01 | 0,02 | 0,02 | 0,01 | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |
| Tocantins | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Para | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Amazonas | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Rio Grande Do Norte | 0,02 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,03 | 0,03 | 0,02 | 0,01 | 0,04 | 0,00 | 0,00 | 0,02 | 0,01 | 0,02 | 0,08 | 0,00 |
| Alagoas | - | - | - | - | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Mato Grosso | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |

Fonte: Sistema Alice Web2/SECEX/MDIC. Elaboração própria

Analisando os resultados gerais para o último ano de 2012, dos 23 estados que possuem dados pertinentes às exportações de calçados, apenas seis apresentam vantagem comparativa. Em ordem decrescente, são: Paraíba, Ceará, Sergipe, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Bahia. Assim sendo, conclui-se que as vendas externas de calçados cearenses apresentam vantagem comparativa a nível nacional para toda a série histórica e o resultado do indicador para o Ceará está entre os primeiros colocados no *ranking* nacional ao longo de toda a série. No apêndice E, encontra-se os valores para o IVCRS, que nada mais é do que o IVCR normalizado.

A interpretação dos resultados do indicador de Vollrath (RCAvi) são os mesmos do indicador de Balassa (IVCR), ou seja, para um país ou região apresentar vantagem comparativa, o indicador terá que obter resultado maior que um. Diante dessa afirmativa, a tabela 03 apresenta os resultados do índice de vantagem comparativa revelada de Vollrath (RCAvi). Dos 23 estados que apresentam dados de exportação de calçados, apenas seis apresentam vantagem comparativa, o que representa cerca de 26,09% do total de estados brasileiros em 2012. O estado do Ceará ocupou a segunda colocação em 2012, tendo o resultado do RCAvi de 92,51, ficando atrás apenas do estado da Paraíba que obteve o melhor resultado (171,11). Ainda para o mesmo ano em análise, esse indicador obteve um crescimento de 1.414,57% quando comparado com 1997. Portanto, o Estado cearense apresenta vantagem comparativa revelada de Vollrath para toda a série histórica, apresentando uma tendência crescente ao longo do período estudado, conforme mostrado na tabela 03.

Tabela 03: Índice de Vantagem comparativa revelada de Vollrath (RCAvi) de Calçados dos Estados Brasileiros

| Estados | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 |
|---------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Paraíba | 1,53 | 7,99 | 12,41 | 9,37 | 11,50 | 9,90 | 10,71 | 11,19 | 11,16 | 17,66 | 23,03 | 52,42 | 67,26 | 74,03 | 112,12 | 171,11 |
| Ceará | 3,65 | 8,48 | 8,73 | 6,78 | 8,99 | 10,60 | 13,71 | 15,15 | 18,35 | 25,69 | 32,24 | 43,36 | 48,77 | 74,67 | 78,95 | 92,51 |
| Sergipe | 0,00 | 1,90 | 3,50 | 0,18 | 1,20 | 0,65 | 1,53 | 1,81 | 1,09 | 7,39 | 5,47 | 15,02 | 14,83 | 38,20 | 27,74 | 30,49 |
| Rio Grande Do Sul | 56,58 | 52,69 | 53,29 | 49,29 | 40,85 | 38,53 | 25,71 | 23,00 | 25,89 | 24,24 | 18,24 | 15,38 | 12,76 | 13,08 | 11,89 | 9,02 |
| Pernambuco | 0,03 | 0,04 | 0,02 | 0,11 | 0,09 | 0,19 | 0,38 | 0,54 | 0,47 | 0,77 | 1,01 | 1,21 | 0,59 | 0,71 | 1,00 | 1,45 |
| Bahia | 0,00 | 0,00 | 0,04 | 0,08 | 0,14 | 0,26 | 0,37 | 0,62 | 0,54 | 0,63 | 0,87 | 1,02 | 1,10 | 1,32 | 1,27 | 1,42 |
| Santa Catarina | 0,20 | 0,19 | 0,20 | 0,20 | 0,17 | 0,20 | 0,21 | 0,20 | 0,23 | 0,25 | 0,25 | 0,31 | 0,34 | 0,42 | 0,48 | 0,51 |
| Sao Paulo | 0,21 | 0,17 | 0,15 | 0,19 | 0,18 | 0,19 | 0,24 | 0,30 | 0,32 | 0,27 | 0,26 | 0,28 | 0,26 | 0,27 | 0,33 | 0,37 |
| Mato Grosso Do Sul | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,22 | 0,28 | 0,27 | 0,20 |
| Rondonia | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,02 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,03 | 0,06 | 0,16 |
| Paraná | 0,05 | 0,03 | 0,04 | 0,06 | 0,06 | 0,06 | 0,04 | 0,05 | 0,05 | 0,05 | 0,08 | 0,07 | 0,07 | 0,08 | 0,10 | 0,10 |
| Minas Gerais | 0,01 | 0,01 | 0,02 | 0,02 | 0,06 | 0,03 | 0,06 | 0,08 | 0,07 | 0,06 | 0,07 | 0,06 | 0,07 | 0,06 | 0,08 | 0,09 |
| Acre | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 2,75 | 0,47 | 1,16 | 7,30 | 0,00 | 0,05 | 0,02 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,05 | 0,06 |
| Distrito Federal | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,02 | 0,01 | 0,00 | 0,18 | 0,01 | 0,03 | 0,07 | 0,01 | 0,05 |
| Espirito Santo | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,02 | 0,02 | 0,02 | 0,02 | 0,02 | 0,02 | 0,02 | 0,03 | 0,05 |
| Rio De Janeiro | 0,01 | 0,00 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,02 |
| Goias | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,03 | 0,02 | 0,01 | 0,02 | 0,02 | 0,01 | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |
| Tocantins | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | -- | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Para | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Amazonas | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Rio Grande Do Norte | 0,02 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,03 | 0,03 | 0,02 | 0,01 | 0,04 | 0,00 | 0,00 | 0,02 | 0,01 | 0,02 | 0,08 | 0,00 |
| Alagoas | -- | -- | -- | -- | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Mato Grosso | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |

Fonte: Sistema Alice Web2/SECEX/MDIC. Elaboração própria

No tocante ao Índice de Contribuição ao Saldo Comercial de calçados (índice de Lafay - ICSC) ao cenário nacional, Ceará e Rio Grande do Sul são os únicos estados que apresentam vantagem comparativa revelada histórica para o período. Em 1997 o Ceará apresentava o resultado de 0,05 de ICSC passando para 0,13 em 2012. Quando se compara os resultados obtidos do indicador de Balassa, (IVCR, tabela 02), do indicador de Vollrath (RCAvi, tabela 03) e do indicador de Lafay (ICSC, tabela 04), tem-se uma modificação quanto à colocação e resultado de alguns estados. Essas diferenças de resultados são explicadas pela variável importação de cada região, que influencia diretamente o resultado no saldo da balança comercial do produto em questão para cada estado e, em consequência, o ICSC. Para exemplificar essa afirmativa, o estado da Paraíba obteve o melhor IVCR e RCAvi de calçados a nível nacional. No entanto, quando se observa o ICSC, esse estado cai 16 posições entre os 22 estados analisados. Esse desempenho é justificado pelos altos valores importados de calçados pela Paraíba. Os valores das importações do grupo calçadista para os estados brasileiros encontram-se no apêndice C.

O ICSC do Ceará alterna entre períodos de crescimento e queda ao longo da série histórica. Essas quedas observadas no resultado desse indicador podem ser atribuídas a problemas de conjuntura econômica que o mundo enfrenta, já comentadas nesse trabalho, mas, todavia, necessita-se de um estudo mais aprofundado para verificar a existência de outras variáveis que afetam o crescimento das exportações.

Tabela 04: Índice de Contribuição ao Saldo Comercial (ICSC) de Calçados dos Estados Brasileiros

| ESTADOS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 |
|---------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Rio Grande Do Sul | 2,53 | 2,24 | 2,29 | 2,39 | 2,30 | 1,93 | 1,54 | 1,29 | 1,06 | 0,90 | 0,77 | 0,60 | 0,54 | 0,41 | 0,28 | 0,21 |
| Ceara | 0,05 | 0,12 | 0,14 | 0,14 | 0,18 | 0,18 | 0,22 | 0,18 | 0,16 | 0,16 | 0,18 | 0,17 | 0,19 | 0,19 | 0,14 | 0,13 |
| Bahia | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,03 | 0,04 | 0,05 | 0,04 | 0,04 | 0,05 | 0,04 | 0,04 | 0,04 | 0,03 | 0,03 |
| Sergipe | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |
| Minas Gerais | 0,01 | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,02 | 0,01 | 0,01 | 0,02 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 |
| Pernambuco | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,01 | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Goias | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Para | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Tocantins | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Rio Grande Do Norte | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Mato Grosso | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Rondonia | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Amazonas | -0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Distrito Federal | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Alagoas | - | - | - | - | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Rio De Janeiro | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| Paraíba | 0,01 | 0,02 | 0,03 | 0,03 | 0,05 | 0,04 | 0,04 | 0,04 | 0,03 | 0,02 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,00 | -0,01 |
| Espirito Santo | -0,02 | -0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | -0,01 | -0,01 | -0,01 | -0,01 | -0,01 | 0,00 | 0,00 | -0,01 |
| Mato Grosso Do Sul | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | -0,01 |
| Santa Catarina | 0,03 | 0,03 | 0,03 | 0,03 | 0,03 | 0,03 | 0,02 | 0,02 | 0,02 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | -0,01 |
| Parana | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,02 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,00 | 0,01 | 0,00 | -0,04 | -0,04 | -0,04 | -0,03 |
| Sao Paulo | 0,05 | 0,10 | 0,17 | 0,23 | 0,20 | 0,15 | 0,14 | 0,16 | 0,10 | 0,07 | 0,03 | -0,01 | -0,04 | -0,02 | -0,05 | -0,06 |

Fonte: Sistema Alice Web2/SECEX/MDIC. Elaboração própria

A análise feita pelas tabelas 02, 03 e 04 ratifica uma série histórica que apresenta o ganho de competitividade ao longo desses 16 anos de estudo da atuação da indústria de calçados cearense no cenário externo. Apesar de o ICSC apresentar uma tendência decrescente a partir de 2010, o setor de calçados cearense, a nível nacional, apresenta resultados satisfatórios que indicam a presença de competitividade.

5.3. A análise dos índices de vantagem comparativa de calçados com relação aos demais setores da economia cearenses

Foi calculado o índice de Balassa (IVCR), o indicador de Vollrath (RCA_{vi}) e o índice de Lafay (ISCS) para as atividades econômicas do Ceará voltadas para o mercado

externo. Para isso, no processo construtivo desse indicador, foi utilizada como cálculo a exportação dos setores cearenses voltado para o mercado externo. Logo, os resultados apresentados abaixo serão a nível local, o que possibilita saber a vantagem comparativa do setor calçadista cearense com relação às demais atividades econômicas do Estado. De acordo com a tabela 05, apenas três setores apresentam vantagem comparativa revelada de Balassa (IVCR) para todo o período de 1997 a 2012. São eles: Frutas, Calçados e o Produto de Têxteis. Dessas três atividades, Têxteis é a única que apresenta uma tendência decrescente para o intervalo em observação.

O Setor de Calçados apresenta índices crescentes ao longo de todo o período e se configura, de acordo com o resultado do indicador de Balassa (IVCR), como a segunda principal atividade econômica de melhor desempenho desde de 2004. É importante destacar que o IVCR do grupo de calçados foi quem obteve o maior crescimento entre as atividades econômicas cearenses, cerca de 1.414,57% em 2012 quando comparado com 1997. Como já esperado, resultados semelhantes foram encontrados no cálculo do IVCRS, conforme apêndice G.

Tabela 05: índice de Vantagem comparativa revelada (IVCR) das atividades do Ceará

| Período | Frutas | Calçados e suas partes | Couros e Peles | Gorduras e óleos animais ou vegetais; Ceras de origem animal ou vegetal | Têxteis | Produtos das Indústrias Alimentares e de Bebidas | Animais vivos e Produtos do Reino animal | Produtos metalúrgicos | Máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos | Produtos Minerais |
|---------|--------|------------------------|----------------|---|---------|--|--|-----------------------|---|-------------------|
| 1997 | 69,42 | 3,33 | 0,51 | 6,72 | 10,10 | 0,06 | 4,27 | 0,23 | 0,05 | 0,03 |
| 1998 | 61,42 | 6,81 | 0,53 | 4,20 | 12,96 | 0,06 | 3,49 | 0,16 | 0,04 | 0,01 |
| 1999 | 47,06 | 6,90 | 4,64 | 3,47 | 12,56 | 0,06 | 2,74 | 0,21 | 0,03 | 0,02 |
| 2000 | 42,30 | 5,59 | 7,27 | 4,75 | 14,06 | 0,07 | 3,24 | 0,16 | 0,05 | 0,06 |
| 2001 | 31,72 | 6,97 | 8,45 | 3,23 | 13,56 | 0,09 | 2,49 | 0,17 | 0,06 | 0,00 |
| 2002 | 28,38 | 8,09 | 7,61 | 1,88 | 14,29 | 0,15 | 3,44 | 0,15 | 0,04 | 0,01 |
| 2003 | 24,87 | 9,89 | 8,15 | 0,75 | 11,63 | 0,10 | 2,66 | 0,25 | 0,06 | 0,36 |
| 2004 | 31,33 | 11,00 | 9,41 | 1,10 | 10,33 | 0,19 | 1,98 | 0,43 | 0,11 | 0,09 |
| 2005 | 33,77 | 13,13 | 10,36 | 2,15 | 10,67 | 0,16 | 1,79 | 0,49 | 0,06 | 0,03 |
| 2006 | 38,00 | 17,33 | 9,22 | 2,57 | 12,02 | 0,15 | 1,70 | 0,40 | 0,08 | 0,10 |
| 2007 | 39,32 | 20,65 | 8,59 | 2,51 | 10,65 | 0,26 | 0,74 | 0,53 | 0,31 | 0,04 |
| 2008 | 44,64 | 26,56 | 15,59 | 2,09 | 8,71 | 0,41 | 0,61 | 0,51 | 0,28 | 0,05 |
| 2009 | 50,47 | 28,60 | 13,96 | 2,60 | 5,65 | 0,37 | 0,71 | 0,49 | 0,33 | 0,06 |
| 2010 | 51,17 | 38,95 | 14,14 | 4,27 | 5,99 | 0,35 | 0,86 | 0,39 | 0,25 | 0,09 |
| 2011 | 56,57 | 44,55 | 15,69 | 4,16 | 5,83 | 0,48 | 0,80 | 0,49 | 0,21 | 0,30 |
| 2012 | 57,57 | 50,40 | 18,11 | 5,10 | 4,43 | 0,53 | 0,51 | 0,37 | 0,29 | 0,16 |

Fonte: Sistema Alice Web2/SECEX/MDIC. Elaboração própria

Dos dez principais setores cearenses voltados para o comércio exterior, cinco apresentam vantagem comparativa revelada de Vollrath, conforme a tabela 06.

Recordando que para um setor possuir vantagem comparativa de Vollerath, o seu resultado terá que ser maior que um. Logo, os três principais setores que obtiveram o melhor desempenho, de acordo com esse indicador, foram: Frutas, Calçados e Couros e Peles. Destaque para o setor de Calçados que foi a atividade que mais cresceu, pois em 1997 apresentava um índice de 3,65 saltando para 92,51 em 2012. O setor de Calçados é o único setor que apresenta o indicador de Vollerath (RCAvi) com tendência crescente para toda a série, com exceção do ano de 2000.

Tabela 06: índice de Vantagem comparativa revelada de Vollerath (RCAvi) das atividades do Ceará

| Período | Frutas | Calçados e suas partes | Couros e Peles | Gorduras e óleos animais ou vegetais; Ceras de origem animal ou vegetal | Têxteis | Produtos das Indústrias Alimentares e de Bebidas | Animais vivos e Produtos do Reino animal | Produtos metalúrgicos | Máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos | Produtos Minerais |
|---------|--------|------------------------|----------------|---|---------|--|--|-----------------------|---|-------------------|
| 1997 | 211,20 | 3,65 | 0,51 | 7,62 | 12,56 | 0,05 | 4,82 | 0,21 | 0,04 | 0,03 |
| 1998 | 163,60 | 8,48 | 0,52 | 4,59 | 16,98 | 0,06 | 3,83 | 0,15 | 0,03 | 0,01 |
| 1999 | 107,09 | 8,73 | 5,04 | 3,69 | 16,24 | 0,05 | 2,98 | 0,19 | 0,02 | 0,02 |
| 2000 | 94,07 | 6,78 | 8,53 | 5,08 | 19,14 | 0,07 | 3,61 | 0,15 | 0,04 | 0,05 |
| 2001 | 54,25 | 8,99 | 10,36 | 3,38 | 18,45 | 0,08 | 2,74 | 0,15 | 0,05 | 0,00 |
| 2002 | 45,62 | 10,60 | 9,21 | 1,92 | 19,18 | 0,13 | 4,09 | 0,14 | 0,04 | 0,01 |
| 2003 | 39,94 | 13,71 | 10,00 | 0,75 | 15,47 | 0,09 | 3,03 | 0,23 | 0,05 | 0,33 |
| 2004 | 53,20 | 15,15 | 11,68 | 1,10 | 13,03 | 0,18 | 2,15 | 0,40 | 0,10 | 0,08 |
| 2005 | 56,39 | 18,35 | 12,81 | 2,21 | 13,15 | 0,15 | 1,91 | 0,46 | 0,05 | 0,02 |
| 2006 | 63,39 | 25,69 | 11,18 | 2,64 | 14,81 | 0,14 | 1,78 | 0,37 | 0,07 | 0,09 |
| 2007 | 69,68 | 32,24 | 10,25 | 2,58 | 12,79 | 0,24 | 0,72 | 0,50 | 0,29 | 0,03 |
| 2008 | 79,35 | 43,36 | 20,33 | 2,14 | 9,90 | 0,38 | 0,59 | 0,48 | 0,26 | 0,04 |
| 2009 | 106,42 | 48,77 | 17,28 | 2,67 | 6,12 | 0,34 | 0,70 | 0,47 | 0,31 | 0,05 |
| 2010 | 96,04 | 74,67 | 17,59 | 4,48 | 6,49 | 0,32 | 0,85 | 0,37 | 0,24 | 0,07 |
| 2011 | 101,51 | 78,95 | 19,52 | 4,37 | 6,32 | 0,45 | 0,79 | 0,47 | 0,19 | 0,23 |
| 2012 | 102,48 | 92,51 | 23,56 | 5,45 | 4,73 | 0,50 | 0,49 | 0,35 | 0,27 | 0,12 |

Fonte: Sistema Alice Web2/SECEX/MDIC. Elaboração própria

Na tabela 07 é apresentada a evolução da especialização nacional de calçados com base no indicador de contribuição ao saldo comercial de Lafay (ICSC), o qual leva em consideração o cálculo do saldo da balança comercial global e do produto.

Lembrando que para uma região obter vantagem comparativa, segundo Lafay (1990), o ICSC terá que ter o valor maior que zero.

Portanto, têm-se os resultados do ICSC para as dez principais atividades econômicas ranqueadas de acordo com o ano de 2012. Segundo esse indicador, desde 2001, o setor de calçados se destaca como o principal grupo na área de competitividade local com relação aos demais grupos. Em seguida tem-se o setor de frutas que obtém o segundo melhor resultado para ICSC ao longo da série.

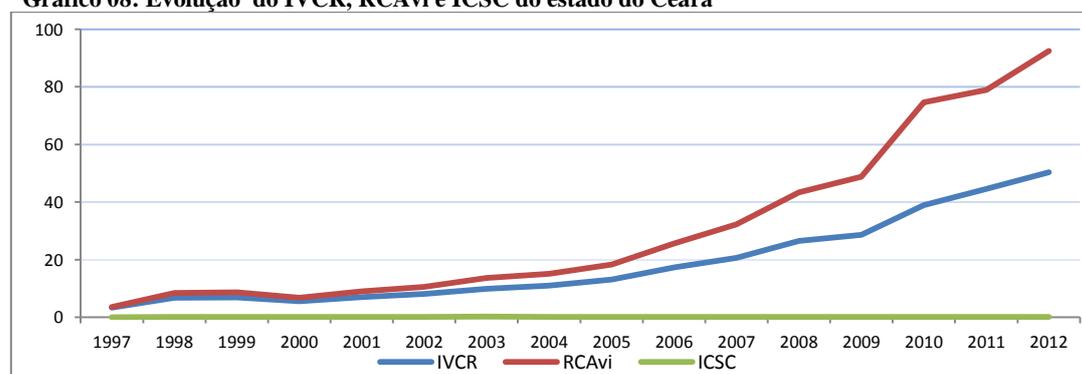
Tabela 07: Índice de Contribuição ao Saldo Comercial das Atividades do Ceará

| Período | Calçados e suas partes | Frutas | Couros e Peles | Produtos das Indústrias Alimentares e de Bebidas | Animais vivos e Produtos do Reino animal | Gorduras e óleos animais ou vegetais; Ceras de origem animal ou vegetal | Têxteis | Produtos Minerais | Produtos metalúrgicos | Máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos |
|---------|------------------------|--------|----------------|--|--|---|---------|-------------------|-----------------------|---|
| 1997 | 0,05 | 0,25 | 0,00 | -0,02 | 0,07 | 0,06 | -0,17 | -0,23 | -0,02 | -0,20 |
| 1998 | 0,12 | 0,23 | -0,01 | 0,00 | 0,06 | 0,05 | -0,19 | -0,13 | -0,04 | -0,15 |
| 1999 | 0,14 | 0,22 | 0,04 | 0,00 | 0,07 | 0,04 | -0,21 | -0,23 | -0,06 | -0,12 |
| 2000 | 0,14 | 0,24 | 0,08 | 0,00 | 0,10 | 0,04 | -0,16 | -0,38 | -0,06 | -0,12 |
| 2001 | 0,18 | 0,17 | 0,12 | 0,00 | 0,11 | 0,03 | 0,02 | -0,25 | -0,07 | -0,28 |
| 2002 | 0,18 | 0,15 | 0,12 | 0,01 | 0,16 | 0,01 | 0,03 | -0,17 | -0,07 | -0,52 |
| 2003 | 0,22 | 0,17 | 0,13 | 0,00 | 0,15 | -0,01 | -0,02 | -0,05 | -0,05 | -0,29 |
| 2004 | 0,18 | 0,16 | 0,11 | 0,01 | 0,11 | 0,00 | -0,02 | -0,19 | -0,04 | -0,08 |
| 2005 | 0,16 | 0,14 | 0,09 | 0,00 | 0,09 | 0,02 | 0,03 | -0,20 | -0,09 | -0,08 |
| 2006 | 0,16 | 0,13 | 0,07 | 0,00 | 0,07 | 0,00 | 0,00 | -0,50 | -0,15 | -0,06 |
| 2007 | 0,18 | 0,16 | 0,07 | 0,01 | 0,03 | 0,00 | -0,03 | -0,39 | -0,14 | -0,11 |
| 2008 | 0,17 | 0,14 | 0,08 | 0,02 | 0,02 | -0,01 | -0,02 | -0,02 | -0,19 | -0,18 |
| 2009 | 0,19 | 0,19 | 0,07 | 0,03 | 0,03 | 0,00 | -0,06 | -0,07 | -0,15 | -0,21 |
| 2010 | 0,19 | 0,14 | 0,08 | 0,02 | 0,03 | 0,01 | -0,06 | -0,21 | -0,29 | -0,20 |
| 2011 | 0,14 | 0,08 | 0,07 | 0,02 | 0,02 | -0,01 | -0,08 | -0,12 | -0,17 | -0,19 |
| 2012 | 0,13 | 0,08 | 0,08 | 0,02 | 0,01 | 0,00 | -0,04 | -0,17 | -0,20 | -0,36 |

Fonte: Sistema Alice Web2/SECEX/MDIC. Elaboração própria

Apesar da tendência de queda apresentado desde 2010, o setor de calçados apresenta o melhor índice de Lafay (ICSC). Em 1997 o ICSC era de 0,05 chegando a atingir o valor de 0,13 em 2012, sendo, portanto, o indicador que mais cresceu em números absolutos.

No Gráfico 08 tem-se a evolução dos três indicadores de competitividade. Embora os resultados do ICSC se aproximem de zero, ainda assim seus resultados apontam a presença de competitividade do setor calçadista cearense, pois basta que o seu resultado seja maior que zero para a região obter vantagem comparativa. O IVCR e o RCAvi apresentam uma tendência crescente no período de 1997 a 2012, melhor visualizado pelo Gráfico 08.

Gráfico 08: Evolução do IVCR, RCAvi e ICSC do estado do Ceará

Fonte: Sistema Alice Web2/SECEX/MDIC. Elaboração própria

5.4. O setor de calçados como um “ponto forte” na economia do Ceará

A observação da evolução do comércio exterior do grupo de calçados e a comparação desse setor com os outros setores que constituem a economia cearense, bem como a apresentação dos resultados das vantagens comparativas reveladas ao longo do período de 1997 a 2012, possibilitaram caracterizar e qualificar a especialização regional no cenário internacional. Segundo Gutman e Miotti apud Hidalgo (1998), pode-se classificar os grupos e/ou produtos da economia no comércio exterior como “Pontos Fortes”, “Pontos Neutros” e “Pontos Fracos”. Os pontos Fortes constituem como aqueles produtos que a economia em análise tem sólidas oportunidades de inserção e expansão no mercado. A comparação entre os “pontos fortes” e “pontos fracos” permite conhecer o grau de aproveitamento e adaptação da oferta dos produtos da região à demanda do mundo.

Diante disso, o quadro 3 mostra os “pontos fortes, neutros e fracos” dos setores cearenses voltados para o mercado externo. O grupo de calçados foi considerado “ponto forte” durante o período de 1997 a 2012.

Observa-se que os setores Calçados, Frutas e Couros e Peles continuaram especializados ao se analisar a influência das importações, ou seja, apresentaram valores de Taxa de Cobertura (TC) maiores que a unidade, ao longo do período (e por isso possuem vantagens comparativas também em termos de cobertura das importações).

É possível compreender que os setores acima citados são especializados no comércio exterior do Ceará, ao longo do período 1997-2012, por apresentarem exportações com uma dimensão maior que as importações, portanto, são setores que possuem melhores oportunidades de inserção no comércio internacional, ou seja, são pontos fortes do comércio exterior cearense.

Quadro 3: “Pontos Fortes” e “Pontos Fracos” da Economia Cearense – 1997 a 2012

| Período | Calçados e suas partes | Frutas; cascas de cítricos e de melões | Couros e Peles | Produtos das Indústrias Alimentares e de Bebidas | Têxteis | Gorduras e óleos animais ou vegetais; Ceras de origem animal ou vegetal | Produtos Minerais | Animais vivos e Produtos do Reino animal | Produtos metalúrgicos | Máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos |
|---------|------------------------|--|----------------|--|---------|---|-------------------|--|-----------------------|---|
| 1997 | Forte | Forte | Neutro | Fraco | Neutro | Forte | Fraco | Forte | Fraco | Fraco |
| 1998 | Forte | Forte | Fraco | Fraco | Neutro | Forte | Fraco | Forte | Fraco | Fraco |
| 1999 | Forte | Forte | Forte | Neutro | Neutro | Forte | Fraco | Forte | Fraco | Fraco |
| 2000 | Forte | Forte | Forte | Neutro | Neutro | Forte | Fraco | Forte | Fraco | Fraco |
| 2001 | Forte | Forte | Forte | Neutro | Forte | Forte | Fraco | --- | Fraco | Fraco |
| 2002 | Forte | Forte | Forte | Neutro | Forte | Forte | Fraco | Forte | Fraco | Fraco |
| 2003 | Forte | Forte | Forte | Neutro | Forte | Neutro | Fraco | Forte | Fraco | Fraco |
| 2004 | Forte | Forte | Forte | Neutro | Forte | Forte | Fraco | Forte | Fraco | Fraco |
| 2005 | Forte | Forte | Forte | Neutro | Forte | Forte | Fraco | Forte | Fraco | Fraco |
| 2006 | Forte | --- | Forte | Neutro | Forte | Forte | Fraco | Forte | Fraco | Fraco |
| 2007 | Forte | Forte | Forte | Neutro | Neutro | Forte | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco |
| 2008 | Forte | Forte | Forte | Neutro | Neutro | Neutro | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco |
| 2009 | Forte | Forte | Forte | Neutro | Neutro | Forte | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco |
| 2010 | Forte | Forte | Forte | Neutro | Neutro | Forte | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco |
| 2011 | Forte | Forte | Forte | Neutro | Neutro | Neutro | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco |
| 2012 | Forte | Forte | Forte | Neutro | Neutro | Neutro | Fraco | Neutro | Fraco | Fraco |

Fonte: Sistema Alice Web2/SECEX/MDIC. Elaboração própria

Sendo assim, o setor de calçados se configura como o principal produto exportado pelo Ceará desde 2001, representando um ponto forte da economia cearense no mercado exterior ao longo de toda a série histórica. Os resultados da taxa de cobertura para as atividades do Ceará encontram-se no apêndice H.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O setor de calçados do estado do Ceará revelou vantagem comparativa em confronto com os demais estados do Brasil. O índice de Balassa (IVCR) e o índice de Vollrath (RCAvi) colocam o Estado na segunda posição com relação ao resultado obtido pelos estados nacionais, perdendo apenas para Paraíba. Já para o indicador de Lafay (ICSC), que tem como o diferencial as importações quando comparado com os outros indicadores, também deixa o estado cearense em segundo lugar, perdendo apenas para o Rio Grande do Sul.

O índice de contribuição ao saldo comercial de Lafay (ISCS), apesar de apresentar vantagem comparativa para o período de 1997 a 2012, mostra uma tendência decrescente de calçados do Estado em nível nacional a partir de 2010, assim como também para os demais setores do comércio exterior cearense.

Observa-se que o comércio internacional de calçados do Ceará não teve alterações expressivas dos principais parceiros comerciais. Mas vale destacar o aumento significativo no número de países que compraram esse produto no ano de 2012 (107 países) em relação ao ano de 1997 (43 países). O setor de Calçados lidera as exportações do estado desde 2001 e vem se configurando como o principal produto vendido para fora pelo o Estado.

Ao se analisar a atividade de calçados frente às demais atividades econômicas cearenses, o índice de vantagem comparativa revelada (IVCR), o índice de vantagem comparativa simétrica (IVCRS) e o índice de vantagem comparativa revelada de Vollrath (RCAvi) apontam que o setor de calçados possui vantagem comparativa ao longo de toda a série, obtendo o segundo lugar de melhor desempenho, perdendo apenas para o setor de frutas. Quando observado o resultado do indicador de Lafay (ISCS), o setor calçadista obtém o melhor desempenho em relação aos demais setores da economia cearense.

O objetivo geral desse trabalho foi atendido, pois foi analisado a dinâmica e a vantagem comparativa do comércio internacional do setor de calçados, apresentados na seção de resultado. Com relação aos objetivos específicos, nos quais eram a de comparar a vantagem comparativa de calçados com relação aos demais estados brasileiros e com relação às demais atividades econômicas do Estado também foi atendido. Portanto, os resultados obtidos, já comentados, atestam que a indústria de calçados do Ceará é forte no cenário internacional. A relação exportação de calçados

cearense com o total exportado desse produto pelo Brasil é bem expressiva, haja vista o seu percentual de participação no total vendido ao mercado externo.

No que se relaciona aos “pontos fortes”, destaque para Calçados e para o setor de Frutas que se apresentaram como “ponto forte” da economia local ao longo de todo o estudo, ou seja, os setores possuem melhores oportunidades de inserção no comércio internacional.

Vale ressaltar que os dados apontam para um problema de conjuntura econômica ao invés de uma crise do setor calçadista. É bem verdade que as importações calçadistas apresentam valores crescentes, porém as importações totais do Ceará também apresentam valores crescentes, devido à compra de bens de capital que são, principalmente, voltados para infraestrutura do estado. (SOUZA, CAVALCANTE E FEITOSA, 2013). Para se ter uma ideia, a balança comercial cearense é deficitária desde de 2007. Porém, analisando a conjuntura macroeconômica atual, tem-se a retração do mercado mundial como um todo, o que contribuiu para o encolhimento das exportações cearenses.

Portanto, os resultados dos indicadores de vantagem comparativa corroboram para a presença de vantagem comparativa do setor calçadista do Ceará no ambiente nacional e local com o mundo. O padrão de competitividade é algo que pode ser alcançado, desenvolvido ou perdido ao longo do tempo, o que se percebe é que conforme Rocha (2002), e Hiratuka e Rauen (2008), o setor de calçados no Brasil está em constante adaptação ao novo padrão de concorrência do setor formatado a partir dos anos noventa, com a incessante busca de redução de custo, o que gerou a migração dessa indústria para o nordeste, com destaque para o estado do Ceará.

Porém, nos anos recentes, o setor vem sofrendo com os impactos causados pela forte entrada de produtos asiáticos, sobretudo na década de 2000, com problemas de infraestrutura do país, com a limitação de investimento do governo no tocante à formação de capital fixo, dentre outras questões. Diante desse contexto, sugerem-se outras pesquisas que busquem identificar estratégias para aumentar a competitividade do setor de calçados.

De forma não intencional, foi demonstrado neste trabalho que as vantagens comparativas podem ser criadas ou destruídas ao longo do tempo. Como exemplo disso tem-se o setor de calçados no qual foi construída a partir de uma política pública local agressiva que buscava atrair as grandes empresas para o Ceará. Assim, as vocações produtivas podem não ser naturais, isto é, ligadas à realidade local e podem ser

modificadas de forma dinâmica. Espera-se, então, que este trabalho possa subsidiar, de alguma forma, outros estudos na promoção da competitividade desse setor, bem como de toda a indústria de transformação cearense.

REFERÊNCIAS

- ABICALÇADOS – Associação Brasileira das Indústrias de Calçados. **Pólos Produtores, 2010**. Disponível em: <<http://www.abicalçados.com.br/>>. Acesso em: maio de 2012
- ALICEWEB - **Análise das Informações de Comércio Exterior (meio Web)**. Disponível em: <<http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br/>>. Acesso em: setembro de 2012 a março de 2013
- ALMEIDA, M. B. DE; LIMA, R. C.; ROSA, A. L. T.; GALVÃO, O. A. CAMPOS, L. H. R. de. **Identificação e avaliação de aglomerações produtivas: uma proposta metodológica para o Nordeste**. Recife: IPSA/PIMES, 280 p., 2003.
- AMARAL FILHO, J. do. Identificação de Arranjos Produtivos Locais no Ceará. **In: Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local**. Organizadores: Helena Maria Martins Lastres, José Eduardo Cassiolato, Maria Lucia Maciel. Rio de Janeiro: Relume Dumará: UFRJ, Instituto de Economia, 2003.
- BALASSA, B. **Trade Liberalization and ‘Revealed’ Comparative Advantage**. In: The Manchester School, Manchester: University of Manchester, v. 33, n. 2, p. 99-123, 1965.
- BARBOSA, Alexandre E.; WAQUIL, Paulo D. O Rumo das Exportações Agrícolas Brasileiras frente às Negociações para a Formação da Área de Livre Comércio da Américas(ALCA). **Indicadores Econômicos FEE**. Porto Alegre: FEE, v.29, n.3, p. 71-85, nov. 2001.
- BARNEY, J. B. **Gaining and sustaining competitive advantage**. 2. ed. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 2002
- BATALHA, M.O; SILVA, C.A. **Competitividade em Sistemas Agro-industriais: Metodologia e Estudo de Caso**, Workshop Brasileiro De Gestão De Sistemas Agroindustriais, 2., Ribeirão Preto, 1999
- BENDER, S.; LI, K-H. **The changing trade and revealed comparative advantages of Asian and Latin American manufacture exports**. Yale University, Economic Growth Center, 26 p, 2002. Disponível em: www.econ.yale.edu/growth_pdf/cdp843.pdf. Acesso em: 23 de abril de 2013.
- CAMPOS, A. C. De. **Evolução dos Arranjos Produtivos Locais (APL) de calçados no Brasil**: uma análise a partir dos dados da RAIS, 56–71, 2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/face/article/view/8454/6696>>. Acesso em 23 de novembro de 2012
- CARVALHO, D. B.; CALDAS, R. M.; LIMA, J. P. R. Potencialidade e efetividade das relações comerciais entre o Nordeste do Brasil e o Mercosul. In: ENCONTRO REGIONAL DE ECONOMIA, 16, 2011. **Anais...** Fortaleza, CE: ANPEC, 2011.

CHUDNOVSKY, **La Competitividad Internacional:** principales cuestiones conceptuales y metodológicas. CEIPOS/Montevidéo; mimeo 1990.

COSTA, Odorico de Moraes Eloy da. **O Arranjo Produtivo De Calçados Em Juazeiro Do Norte:** um estudo de caso para o estado do Ceará. Rio de Janeiro, Instituto de Economia/UFRJ. Tese de Doutorado, 2007.

FARINA, E.M.M.Q.; ZYLBERSZTAJN, D. **Competitividade no Agrobusiness Brasileiro:** introdução e conceitos. São Paulo: IPEA, PENSA,FIA – USP. 61p. v.1, 1998

FIGUEIREDO, Adilson Martins; SANTOS, Maurinho Luz dos. Evolução das vantagens comparativas do Brasil no comércio mundial de soja. **Revista de Política Agrícola**, ano 14, n. 1, jan. / mar. 2005.

GASPAR, C. A. F. **Qualidade de vida de trabalhadores que participam de práticas externas de cidadania empresarial:** possibilidades de transformações individuais e coletivas. 188 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

GASQUES, J. CONCEIÇÃO, J.C. **Indicadores de Competitividade e de Comércio Exterior da Agropecuária Brasileira.** IPEA. Textos para discussão n^o908. Brasília, set. 2002.

GUIDOLIN, S. M.; COSTA A. C. R.; ROCHA E. R. P., A. **Indústria calçadista e estratégias de fortalecimento da competitividade**, 147–184., 2010, disponível em: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/onhecimento/bnset/set3104.pdf. Acesso em Fevereiro 2013.

GUIMARÃES, E. P. **Evolução das teorias de comércio internacional. Estudos em Comércio Exterior**, Rio de Janeiro: ECEX-UFRJ, v. I, n. 2, jan./jun. 1997. Disponível em:<http://www.ie.ufrj.br/ecex/pdfs/evolucao_das_teorias_de_comercio_internacional.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2013

HAGUENAUER, L. **Competitividade:** conceitos e medidas. Texto para discussão n. 211, ago. 1989. Disponível em:< http://www.ie.ufrj.br/gic/pdfs/1989-1_Haguenauer.pdf>. Acesso em: 05 de abril de 2013

HELPMAN, E. e KRUGMAN, **Market structure and foreign trade: increasing returns, imperfect competition and the international economy.** The MIT Press, 1985.

HIDALGO, A. B. Especialização e competitividade do Nordeste brasileiro no mercado internacional, **Revista Econômica do Nordeste**. v. 29, n. especial, p. 491-515, jul. 1998.

HIDALGO, A. B; MATA, D. F. P. G. Competitividade e vantagens comparativas do nordeste brasileiro e do estado de Pernambuco no comércio internacional. In: **encontro**

regional de economia, 9., 2004, Fortaleza. Anais... Fortaleza: BNB,2004.Disponível em<http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/ETENE/Anais/dos/2004.competiti_vantagens.pdf>. Acesso em dez 2012.

HIDALGO, Álvaro Barrantes; MATA, Daniel Ferreira Pereira Gonçalves Da. Inserção das regiões brasileiras no comércio internacional: os casos da Região Nordeste e do estado de Pernambuco. **Ensaio FEE**. Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 965-1018, nov. 2005.

HIRATUKA, C. e RAUEN, C. V. (coord) (2008). **Relatório de Acompanhamento Setorial** (Volume I). Convênio: ABDI e NEIT/IE/UNICAMP. Campinas/SP: jun. de 2008.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Economia internacional: teoria e política**. 5. ed. São Paulo: Makron Books,. 797p, 2001

LAFAY, G. Le Mesure des Avantages Comparatifs Reveles. **Economie Prospective Internationale**, v. 1, n. 41, p. 27-43, 1990.

LAGES, A. M. G. **A Relocalização Espacial Da Indústria De Calçados De Couro Brasileira Na Década De 90: aspectos teóricos e empíricos**. Rio de Janeiro, 164 p. Tese de Doutorado – Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

Linder, S. B. (1966) “**Ensaio sobre Comércio e Transformação**”. IN: J. A. A. Savasini, P. S. Malan & W. Baer (orgs.) – Economia Internacional. São Paulo: Saraiva

MACEDO, M. A. S.; SANTOS, R. M.; DA SILVA, F. F. Desempenho organizacional no setor bancário brasileiro: uma aplicação da análise envoltória de dados. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 7, n. 1, p. 11-44. 2006.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR (MDIC/SECEX). **Dados sobre o comércio exterior brasileiro**. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/>>. Acesso em Dezembro/Janeiro. 2012.

NASSIF, V. M. J.; HANASHIRO, D. M. M. A competitividade das universidades particulares à luz de uma visão baseada em recursos. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 79-94, jan./jun. 2002.

PEIXOTO JÚNIOR, C. A. **Impacto do término do acordo de têxteis e vestuário sobre a indústria de têxteis e vestuário brasileira**. Dissertação (Graduação em Ciências Econômicas) – Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

PORTER, M. E. Clusters e competitividade. **Revista HSM Management** – jul/ago. 1999. 11p.

PORTER, M. E. **Estratégia Competitiva: Técnicas para análise de indústrias e da concorrência**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, 400 p

RICARDO, A., Vidal, D. N., E EVANGELISTA, F. R. **Avaliação e Perspectivas**, 2010. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/Content/aplicacao/etene/etene/docs/ren_vo131_capitulo_1_avaliacao_perspectivas.pdf>. Acessado em Março de 2013.

RICARDO, D. **Princípios de economia política e tributação**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984, (Coleção "Os economistas").

ROCHA, R. E. V. **Proposta de padronização do setor de engenharia para indústria de confecções jeans no estado do Ceará**. 54 f. Monografia (Graduação em Engenharia Mecânica) – DEMP/UFC: Fortaleza, 2002.

SILVA, Edna L.; MENEZES, Estera M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

SILVEIRA, L. T; BURNQUIST, H. L. Uma análise da competitividade brasileira no mercado internacional de açúcar. Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 42. Cuiabá, 2003. **Anais**. Brasília: SOBER, 2004.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984, (Coleção "Os economistas").

SOUSA, A. C. **Indústria calçadista brasileira e concorrência internacional: uma análise da qualidade dos produtos exportados e das estratégias adotadas pelas empresas (1989-2006)**. Dissertação (Mestrado em Economia), Faculdade de Ciências e Letras, Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

SOUZA, A. C. L.; CAVALCANE, A.L.; FEITOSA, D.G. **Dinâmica das Exportações Cearenses no últimos Dez Anos: Uma Avaliação dos Principais Setores**. Disponível em: http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/ipeceinforme/Ipece_Informe_58_23_abril_2013.pdf. Acessado em 20 de maio de 2013.

TENDLER, J. **The Economic Wars Between the States**. Department of Urban Studies and Planning Massachusetts Institute of Technology. MIT/Bank of the Northeast, 2000.

WILLIANSO, J. **A economia aberta e a economia mundial: um texto de economia internacional**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

ZYLBERSZTAJN, D. NEVES, M. F. **Economia e Gestão dos Negócios Agroalimentares**. São Paulo: Pioneira / Pensa - USP, 2001.

Apêndices

Apêndice A: Critério de classificação dos capítulos da NCM, segundo grupos de produtos.

| Grupos de produtos | Capítulos da NCM | Descrição |
|---|------------------|--|
| Animais Vivos e Produtos de Origem Animal | 01 a 05 | Animais vivos; Carnes e miudezas, comestíveis; Peixes e crustáceos, moluscos e outros invrtebrados aquáticos; Leite e laticínios; Ovos de aves; Mel natural; Produtos comestíveis de origem animal, não especificados nem compreendidos em outros capítulos; Outros produtos de origem animal, não especificados nem compreendidos em outros capítulos. |
| Frutas | 8 | Frutas; cascas de cítricos e de melões |
| Gorduras e óleos animais ou vegetais | 15 | Gorduras e óleos animais ou vegetais; Produtos da sua dissociação; Gorduras alimentares elaboradas; Ceras de origem animal ou vegetal |
| Produtos das Indústrias Alimentares e de Bebidas | 17 a 23 | Açúcares e produtos de confeitaria; Cacau e suas preparações; Preparação á base de cereais, farinhas, amidos, féculas ou de leite; Produtos de pastelaria; Preparação de produtos hortícolas de frutas ou de outras partes de plantas; Preparações alimenticias divrsas; Bebidas, líquidos alcoolicos e vinagres; Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares preparados para animais. |
| Produtos Minerais | 25 a 27 | Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento; Minérios, escórias e cinzas; Combustíveis minerais, óleos Minerais e produtos da sua destilação; Matérias betuminosas; ceras minerais. |
| Couros e Peles | 41 a 43 | Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo), e couros; Obras de couro; artigos de coreiro ou de seleiro; artigos de viagem; bolsas e artefatos semelhantes; obras de tripa; Peteleira (peles com pêlos e suas obras; peteleira (peles com pêlos) artificias |
| Têxteis | 50 a 60 | La, pêlos finos ou grosseiros; Fios e tecidos de crina; Algodão; Outras fibras têxteis vegetais; fios de papel e tecidos de fio de papel; Filamentos sintéticos ou artificiais, descontínuas; Pastas, feltros e falsos tecidos; fios especiais; artigos de cordoaria; tapetes e outros revestimentos para pavimentos, de matérias têxtes; Tecidos especiais; tecidos tufados; rendas; tapeçaria; passamanarias; bordado; Tecidos impregnados, Revestidps, Recobertos ou estratificados; Artigos para usos técnicos de matérias têxteis; Tecidos de malha |
| Calçados e Suas Partes | 64 | Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes |
| Produtos metalúrgicos | 72 a 83 | Ferro fundido, ferro e aço; Obras de ferro fundido, ferro ou aço; Cobre e suas obras; Níquel e suas obras; Alumínio e suas obras; zinco e suas obras; Ferramentas, artefatos de cutelaria talheres, e suas partes, de metais comuns; Obras diversas de metais comuns |
| Máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais eletricos | 84 a 85 | Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; Aparelhos de gravação ou de reprodução de som; Aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios; Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumntos mcânicos e suas partes |

Fonte: Sistema AliceWeb2/SECEX/MDIC. Elaboração Própria

Apêndice B: Estados Brasileiros Exportadores de calçados no período de 1997 a 2012 (US\$ Bilhões FOB)

| ESTADOS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 |
|---------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Rio Grande Do Sul | 1.364.719.522 | 1.163.192.273 | 1.112.459.410 | 1.322.704.756 | 1.346.430.418 | 1.196.814.701 | 1.188.033.551 | 1.324.946.719 | 1.363.541.995 | 1.317.034.131 | 1.291.109.658 | 1.208.060.291 | 845.514.284 | 833.697.735 | 727.435.712 | 519.603.488 |
| Ceara | 35.324.950 | 65.627.412 | 71.651.803 | 81.284.307 | 106.470.829 | 110.782.112 | 167.541.813 | 186.578.581 | 205.298.956 | 237.938.801 | 300.847.336 | 347.041.568 | 298.253.179 | 403.466.381 | 365.963.180 | 338.648.951 |
| Sao Paulo | 157.792.553 | 122.269.824 | 113.236.221 | 158.832.023 | 156.922.043 | 134.775.913 | 164.235.797 | 243.218.837 | 261.381.117 | 240.650.864 | 228.300.526 | 212.867.976 | 132.749.179 | 143.854.196 | 138.862.398 | 136.664.117 |
| Paraiba | 3.944.066 | 9.805.949 | 16.351.645 | 17.004.646 | 26.613.567 | 23.673.442 | 32.519.320 | 38.727.785 | 35.965.772 | 41.946.677 | 52.884.326 | 78.035.574 | 61.082.695 | 79.952.508 | 86.393.511 | 110.690.430 |
| Bahia | 0 | 121.914 | 1.693.741 | 4.875.193 | 8.858.328 | 16.726.026 | 27.841.897 | 50.835.248 | 56.043.811 | 62.504.777 | 82.548.437 | 90.334.170 | 74.009.180 | 93.863.347 | 80.966.320 | 82.841.303 |
| Santa Catarina | 17.921.632 | 14.634.036 | 15.578.144 | 16.580.012 | 15.724.415 | 17.000.417 | 18.071.973 | 20.241.869 | 22.732.124 | 21.923.763 | 24.793.623 | 27.280.116 | 21.854.835 | 26.425.723 | 26.128.290 | 24.554.329 |
| Sergipe | 474 | 1.569.834 | 2.007.605 | 162.927 | 716.471 | 623.637 | 1.305.980 | 1.677.187 | 1.213.556 | 7.615.968 | 9.465.817 | 14.923.322 | 7.637.532 | 18.165.698 | 19.102.632 | 20.567.119 |
| Minas Gerais | 3.821.338 | 3.181.255 | 3.417.176 | 5.583.780 | 11.645.812 | 4.827.787 | 11.619.975 | 17.011.768 | 16.829.340 | 15.728.754 | 17.381.423 | 16.239.863 | 14.079.710 | 17.564.062 | 21.515.630 | 17.942.732 |
| Pernambuco | 312.541 | 374.441 | 143.394 | 953.917 | 902.747 | 1.556.966 | 3.511.938 | 5.518.957 | 6.283.267 | 8.672.467 | 11.121.374 | 11.536.912 | 4.728.574 | 6.495.302 | 7.035.376 | 10.114.266 |
| Parana | 8.124.820 | 4.376.249 | 4.346.061 | 8.065.640 | 9.585.536 | 9.123.947 | 7.235.188 | 10.564.442 | 9.997.723 | 7.760.829 | 13.543.708 | 12.016.425 | 8.125.109 | 10.451.684 | 11.245.497 | 9.794.127 |
| Mato Grosso Do Sul | 3.496 | 18.287 | 10.786 | 3.908 | 18.714 | 8.339 | 6.714 | 69.467 | 9.627 | 10.443 | 39.210 | 154.352 | 4.109.682 | 6.893.001 | 6.272.365 | 4.591.109 |
| Rio De Janeiro | 318.672 | 242.294 | 269.652 | 212.275 | 258.590 | 210.991 | 383.281 | 561.122 | 630.834 | 896.703 | 1.554.596 | 1.849.316 | 1.755.922 | 1.997.303 | 1.545.481 | 3.998.310 |
| Espirito Santo | 485.659 | 596.157 | 509.570 | 649.354 | 573.404 | 477.997 | 768.136 | 1.722.992 | 2.434.402 | 1.914.608 | 1.716.408 | 2.283.555 | 1.143.513 | 1.736.059 | 2.823.034 | 3.389.962 |
| Rondonia | 0 | 0 | 263 | 1.846 | 37.475 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 46.745 | 105.710 | 163.019 | 663.546 |
| Goias | 318 | 59.706 | 124.982 | 143.526 | 598.008 | 329.199 | 331.177 | 597.414 | 555.376 | 423.239 | 115.442 | 287.103 | 262.513 | 260.586 | 283.511 | 318.029 |
| Distrito Federal | 0 | 0 | 0 | 195 | 0 | 342 | 2.462 | 9.752 | 11.325 | 231 | 193.160 | 23.740 | 39.981 | 83.942 | 15.385 | 66.275 |
| Para | 2.465 | 15.948 | 8.798 | 16.308 | 9.736 | 11.794 | 26.257 | 367.839 | 57.250 | 13.070 | 225.463 | 33.285 | 9.842 | 3.819 | 66.582 | 20.637 |
| Acre | 0 | 0 | 0 | 118.928 | 80.782 | 111.338 | 761.982 | 10 | 11.130 | 4.493 | 1.460 | 0 | 0 | 1.156 | 4.807 | 3.005 |
| Tocantins | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 0 | 0 | 41 | 588 | 220 | 1.196 |
| Amazonas | 10.217 | 0 | 0 | 0 | 0 | 235.701 | 0 | 23.071 | 0 | 0 | 0 | 0 | 305 | 0 | 0 | 0 |
| Rio Grande Do Norte | 61.009 | 18.337 | 38.388 | 30.764 | 167.263 | 170.434 | 109.368 | 133.184 | 293.346 | 22.452 | 22 | 56.455 | 32.782 | 55.904 | 125.435 | 0 |
| Alagoas | - | - | - | - | 0 | 0 | 12.516 | 11.850 | 3.648 | 19.287 | 34.035 | 6.838 | 78.802 | 18.950 | 5.057 | 0 |
| Mato Grosso | 60 | 0 | 2.486 | 231 | 0 | 561 | 0 | 0 | 0 | 0 | 2.312 | 0 | 1.538 | 1.185 | 0 | 0 |

Fonte: Sistema AliceWeb2/SECEX/MDIC. Elaboração Própria

Apêndice C: Estados Brasileiros Importadores de Calçados no Período de 1997 a 2012 (US\$ Milhões - FOB)

| ESTADOS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 |
|---------------------|-------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Sao Paulo | 149.564.463 | 80.135.322 | 32.256.239 | 32.547.460 | 38.402.161 | 34.047.262 | 40.079.198 | 50.575.498 | 87.798.114 | 96.836.444 | 128.703.577 | 195.207.262 | 163.487.651 | 160.045.841 | 225.997.794 | 264.454.333 |
| Paraiba | 515.363 | 513.369 | 397.059 | 462.400 | 311.926 | 558.316 | 592.567 | 590.986 | 1.222.745 | 12.853.223 | 29.657.709 | 45.315.615 | 40.635.657 | 52.640.038 | 65.891.503 | 116.351.542 |
| Parana | 1.470.005 | 1.302.851 | 906.216 | 991.060 | 640.409 | 773.390 | 606.786 | 1.059.980 | 1.196.452 | 906.886 | 1.934.254 | 10.483.680 | 56.766.480 | 84.115.108 | 90.912.628 | 84.463.935 |
| Santa Catarina | 275.141 | 422.917 | 208.214 | 348.546 | 980.518 | 497.386 | 304.901 | 796.403 | 1.393.668 | 5.087.967 | 6.227.757 | 13.869.417 | 15.292.699 | 17.833.864 | 33.387.532 | 45.323.065 |
| Mato Grosso Do Sul | 4.270 | - | 2.317 | - | 1.000 | - | 7.944 | 148.904 | 84.064 | 137.886 | 248.976 | 792.418 | 428.338 | 2.094.357 | 16.561.405 | 25.507.823 |
| Espirito Santo | 13.148.232 | 7.323.156 | 2.120.236 | 1.901.468 | 2.588.861 | 2.370.014 | 2.283.245 | 4.360.127 | 7.153.935 | 9.512.149 | 19.583.308 | 18.840.815 | 13.820.528 | 8.579.387 | 12.312.189 | 20.082.042 |
| Bahia | 74.936 | 21.042 | 231.854 | 875.704 | 118.756 | 20.571 | 4.572 | 666.450 | 950.014 | 981.266 | 3.235.098 | 3.532.590 | 7.294.240 | 10.569.556 | 12.085.997 | 18.592.459 |
| Ceara | 8.219.661 | 4.664.162 | 2.503.597 | 1.749.456 | 3.129.659 | 1.581.728 | 1.942.374 | 1.958.780 | 1.116.402 | 1.879.594 | 2.636.374 | 8.483.149 | 6.490.984 | 12.957.807 | 10.967.546 | 15.910.524 |
| Rio Grande Do Sul | 23.950.716 | 16.836.498 | 12.170.867 | 6.866.775 | 7.279.581 | 8.259.414 | 6.898.780 | 9.912.315 | 17.785.809 | 16.842.108 | 17.654.001 | 20.692.758 | 10.573.363 | 7.592.956 | 9.053.269 | 11.755.943 |
| Rio De Janeiro | 1.247.665 | 964.573 | 381.589 | 549.843 | 723.988 | 593.244 | 669.034 | 280.541 | 1.787.094 | 1.372.486 | 3.909.667 | 2.203.635 | 4.288.620 | 8.905.192 | 11.592.785 | 6.595.348 |
| Minas Gerais | 1.139.224 | 849.320 | 588.108 | 936.464 | 226.287 | 238.430 | 255.187 | 965.320 | 1.356.236 | 1.473.717 | 3.476.075 | 2.901.203 | 1.885.217 | 1.570.422 | 1.619.285 | 2.394.414 |
| Alagoas | 394 | 2.402 | 1.601 | - | - | - | 44.538 | - | 84.850 | 36.209 | 1.732.980 | 1.381.906 | 66.800 | 89.363 | 325.263 | 906.156 |
| Rondonia | 86.712 | 14.931 | 67.889 | 53 | - | - | - | - | 1.665 | 5.453 | 291.829 | 521.419 | 70.047 | 231.285 | 199.786 | 635.231 |
| Distrito Federal | 204.975 | 7.051 | 10.574 | 16.208 | 5.282 | 1.572 | 84.873 | 285.843 | 3.555 | 156.581 | 487.764 | 271.632 | 94.270 | 295.759 | 453.260 | 350.217 |
| Sergipe | 48 | 233 | - | - | - | 55 | - | - | - | - | - | 276.930 | 372.392 | 403.798 | 1.084.572 | 206.375 |
| Amazonas | 5.405.029 | 2.885.745 | 1.161.142 | 830.880 | 1.272.980 | 418.420 | 150.799 | 160.664 | 122.855 | 65.344 | 264.940 | 628.654 | 538.938 | 462.611 | 173.305 | 97.477 |
| Pernambuco | 275.079 | 229.036 | 66.565 | 81.187 | 123.427 | 79.205 | 13.596 | 56.418 | 36.882 | 209.225 | 113.525 | 79.802 | 456.979 | 273.171 | 208.398 | 68.485 |
| Goias | 79.704 | 21.538 | 31.685 | 64.269 | 33.096 | - | 28.213 | 220.952 | 51.055 | 32.900 | 35.741 | 54.608 | 12.652 | 25.665 | 10.480 | 24.970 |
| Amapa | 246.818 | 285.367 | 55.163 | 8.796 | 8.316 | 2.337 | 979 | 20.756 | 4.086 | 17.532 | 43 | 42.592 | 3.434 | 17.650 | 42.454 | 1.621 |
| Para | 180.567 | 94.189 | 13.684 | 4.663 | 560 | - | - | 69 | - | - | 546.997 | 704.987 | 130.105 | 217.190 | - | 627 |
| Roraima | 1.600 | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 352 | - | - |
| Tocantins | - | - | - | - | - | - | - | - | - | 22.619 | 117.385 | - | - | - | - | - |
| Maranhao | 166.979 | 204.306 | 149.162 | 270.549 | 186.251 | 78.722 | 45.717 | - | - | 315 | - | - | - | 12.521 | - | - |
| Rio Grande Do Norte | 666 | - | - | 56.802 | 558.787 | 538.938 | - | 110.224 | 196.039 | 677.473 | 574.508 | 1.606 | - | - | - | - |
| Mato Grosso | 70.531 | 11.656 | 2.505 | - | - | 21.480 | - | - | 37.981 | 58.794 | 837.101 | 297.992 | 531.259 | 4.217 | 463 | - |

Fonte: Sistema AliceWeb2/SECEX/MDIC. Elaboração Própria

Apêndice D: Os 15 Principais Países de Destinos do Grupo de Calçados Cearenses (US\$ Milhões – FOB)

| Destino | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 |
|-------------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Estados Unidos | 21.560.270 | 42.556.379 | 45.126.640 | 40.497.572 | 60.475.988 | 66.548.510 | 98.029.667 | 82.039.256 | 82.538.145 | 89.431.602 | 85.767.049 | 73.171.260 | 66.244.110 | 80.752.097 | 64.906.210 | 68.834.576 |
| Argentina | 1.992.319 | 5.848.910 | 5.510.329 | 7.999.526 | 7.813.842 | 1.174.158 | 9.257.946 | 22.491.199 | 34.218.837 | 39.045.481 | 58.617.801 | 68.402.223 | 60.089.347 | 74.554.425 | 88.129.620 | 66.294.824 |
| Paraguai | 3.756.360 | 3.959.059 | 6.775.603 | 7.832.676 | 7.094.912 | 4.691.991 | 6.273.643 | 8.338.692 | 8.091.870 | 10.967.897 | 13.795.715 | 12.397.242 | 10.599.843 | 18.188.160 | 16.785.259 | 19.095.123 |
| Reino Unido | 257.635 | 975.657 | 1.875.229 | 4.295.101 | 5.147.681 | 5.950.568 | 5.849.729 | 6.632.021 | 15.536.786 | 29.231.498 | 47.572.459 | 76.515.029 | 60.302.870 | 76.210.279 | 46.282.442 | 12.804.843 |
| Hong Kong | 15.051 | 292.485 | 54.663 | 71.411 | 232.668 | 270.051 | 958.675 | 597.468 | 639.688 | 446.071 | 1.133.873 | 735.445 | 1.264.606 | 7.485.845 | 10.072.999 | 12.097.851 |
| Colômbia | 950.292 | 658.475 | 505.215 | 512.191 | 589.825 | 213.785 | 480.194 | 1.188.479 | 1.943.437 | 2.126.237 | 3.296.851 | 2.462.712 | 4.178.656 | 6.561.580 | 9.939.134 | 11.797.832 |
| Bolívia | 417.016 | 430.439 | 364.457 | 804.343 | 996.416 | 965.158 | 1.416.066 | 2.182.078 | 2.728.357 | 3.941.218 | 5.881.063 | 7.308.791 | 5.150.934 | 7.505.411 | 7.600.035 | 10.072.704 |
| Angola | 15.917 | 0 | 0 | 0 | 0 | 16.456 | 25.246 | 119.688 | 419.939 | 715.855 | 3.876.845 | 3.742.820 | 6.906.191 | 3.128.376 | 8.156.535 | 8.096.536 |
| Peru | 256.237 | 123.540 | 63.936 | 81.064 | 438.465 | 630.577 | 834.978 | 997.900 | 1.561.052 | 1.827.934 | 2.304.293 | 2.966.931 | 2.041.748 | 6.285.729 | 5.960.323 | 7.946.873 |
| Espanha | 78.040 | 463.091 | 457.405 | 616.985 | 568.089 | 892.470 | 1.292.690 | 3.178.126 | 2.702.170 | 4.051.835 | 6.170.733 | 8.201.484 | 6.622.906 | 12.453.642 | 7.477.619 | 7.831.177 |
| México | 916.423 | 1.149.146 | 192.981 | 641.379 | 1.649.010 | 4.957.758 | 17.670.512 | 27.690.177 | 24.957.012 | 22.201.913 | 16.784.342 | 16.738.789 | 7.837.058 | 11.187.313 | 8.125.979 | 7.252.753 |
| Países Baixos (Holanda) | 284.108 | 372.321 | 378.127 | 345.404 | 445.237 | 357.829 | 109.484 | 760.301 | 573.811 | 172.242 | 712.732 | 1.705.419 | 3.116.411 | 5.208.708 | 6.355.155 | 7.051.890 |
| República Dominicana | --- | --- | --- | --- | 9.742 | 42.743 | 71.299 | 50.786 | 126.427 | 182.894 | 355.065 | 417.919 | 166.821 | 233.196 | 1.705.684 | 6.779.677 |
| Emirados Árabes Unidos | 6.739 | 128.914 | 225.227 | 122.737 | 193.785 | 263.631 | 907.477 | 692.464 | 1.073.030 | 625.442 | 794.576 | 1.989.403 | 1.264.886 | 740.369 | 1.955.351 | 4.813.771 |
| Austrália | 14.663 | 203.958 | 413.435 | 681.454 | 336.922 | 532.241 | 642.657 | 705.587 | 278.330 | 436.589 | 1.291.382 | 3.044.347 | 2.986.614 | 4.469.685 | 3.485.902 | 4.474.100 |

Fonte: Sistema AliceWeb2/SECEX/MDIC. Elaboração Própria

Apêndice E: Os 15 Principais Países de Origem do Grupo de Calçados do Ceará (US\$ Milhões – FOB)

| Origem | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 |
|------------------|-----------|-----------|-----------|---------|-----------|---------|---------|---------|---------|---------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Vietna | 297.465 | 177.750 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 30.026 | 39.354 | 254.488 | 156.203 | 1.463.294 | 982.396 | 3.177.286 | 2.624.042 | 7.965.207 |
| Indonésia | 1.063.451 | 1.069.751 | 573.936 | 394.070 | 506.775 | 0 | 254.465 | 713.127 | 282.221 | 275.266 | 0 | 7.357 | 94.899 | 3.622.508 | 2.147.549 | 3.839.285 |
| Argentina | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | 571.458 | 1.455.374 | 149.114 | 1.056.946 | 0 | 2.098.835 |
| China | 4.370.955 | 3.087.855 | 1.397.379 | 747.395 | 675.409 | 468.458 | 80.008 | 793.054 | 627.846 | 754.453 | 1.362.506 | 4.657.712 | 4.603.965 | 4.512.255 | 5.393.067 | 1.475.610 |
| Nicaragua | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 246.337 |
| Coreia Do Sul | 25.322 | 52.693 | 13.164 | 0 | --- | --- | --- | --- | --- | --- | 0 | 0 | 0 | 0 | 51.242 | 146.095 |
| Taiwan (Formosa) | 13.760 | 3.319 | 0 | 258.974 | 0 | 138.792 | 0 | 22.845 | 59.359 | 0 | 0 | 108.022 | 0 | 0 | 17.045 | 139.155 |
| Bulgária | --- | --- | --- | --- | 0 | 0 | 0 | 0 | 960 | 0 | 2.751 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| Camboja | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | 0 | 0 | 2.937 | 66.847 | 0 | 0 |
| Espanha | 833 | 4.121 | 0 | 0 | --- | --- | --- | --- | --- | --- | 0 | 0 | 0 | 27.185 | 17.428 | 0 |
| Estados Unidos | 3.049 | 17.475 | 52.840 | 104.659 | 203.312 | 932.340 | 903.506 | 373.593 | 103.946 | 0 | 24.975 | 0 | 0 | 262.417 | 211.529 | 0 |
| Hong Kong | 2.244 | 704 | 278.669 | 115.161 | 1.138.193 | 0 | 704.233 | 694 | 0 | 593.966 | 443.398 | 22.317 | 0 | 0 | 53.918 | 0 |
| Itália | 11.925 | 11.661 | 0 | 0 | --- | --- | --- | --- | --- | --- | 0 | 685.091 | 595.121 | 0 | 0 | 0 |
| Samoa | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | 0 | 0 | 0 | 0 | 405.436 | 0 |
| Tailândia | 2.214.888 | 0 | 131.818 | 126.717 | 576.192 | 42.138 | 0 | 25.441 | 2.566 | 803 | 75.083 | 65.002 | 62.552 | 232.363 | 46.290 | 0 |

Fonte: Sistema AliceWeb2/SECEX/MDIC. Elaboração Própria

Apêndice F: Índice de Vantagem Comparativa Simétrica dos Estados Brasileiros

| ESTADOS | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 |
|---------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
| Paraíba | 0,20 | 0,74 | 0,81 | 0,76 | 0,79 | 0,78 | 0,79 | 0,80 | 0,81 | 0,87 | 0,89 | 0,94 | 0,95 | 0,96 | 0,97 | 0,98 |
| Ceará | 0,54 | 0,74 | 0,75 | 0,70 | 0,75 | 0,78 | 0,82 | 0,83 | 0,86 | 0,89 | 0,91 | 0,93 | 0,93 | 0,95 | 0,96 | 0,96 |
| Sergipe | -1,00 | 0,30 | 0,53 | -0,69 | 0,09 | -0,21 | 0,20 | 0,28 | 0,04 | 0,74 | 0,68 | 0,86 | 0,86 | 0,93 | 0,92 | 0,93 |
| Rio Grande Do Sul | 0,76 | 0,77 | 0,78 | 0,77 | 0,76 | 0,76 | 0,74 | 0,74 | 0,77 | 0,77 | 0,74 | 0,73 | 0,70 | 0,74 | 0,73 | 0,70 |
| Pernambuco | -0,95 | -0,93 | -0,96 | -0,79 | -0,83 | -0,68 | -0,44 | -0,30 | -0,35 | -0,12 | 0,00 | 0,09 | -0,25 | -0,17 | 0,00 | 0,18 |
| Bahia | -1,00 | -1,00 | -0,93 | -0,84 | -0,75 | -0,57 | -0,44 | -0,22 | -0,28 | -0,21 | -0,06 | 0,01 | 0,04 | 0,13 | 0,11 | 0,16 |
| Santa Catarina | -0,65 | -0,66 | -0,64 | -0,66 | -0,70 | -0,65 | -0,64 | -0,65 | -0,61 | -0,59 | -0,58 | -0,52 | -0,48 | -0,40 | -0,34 | -0,32 |
| São Paulo | -0,55 | -0,60 | -0,62 | -0,57 | -0,58 | -0,58 | -0,52 | -0,43 | -0,42 | -0,46 | -0,48 | -0,47 | -0,51 | -0,50 | -0,43 | -0,39 |
| Mato Grosso Do Sul | -1,00 | -0,99 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -0,99 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -0,99 | -0,64 | -0,56 | -0,57 | -0,66 |
| Rondonia | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -0,96 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -0,98 | -0,94 | -0,89 | -0,73 |
| Paraná | -0,89 | -0,93 | -0,92 | -0,88 | -0,88 | -0,88 | -0,91 | -0,89 | -0,89 | -0,90 | -0,84 | -0,86 | -0,86 | -0,83 | -0,80 | -0,81 |
| Minas Gerais | -0,97 | -0,97 | -0,96 | -0,94 | -0,88 | -0,94 | -0,87 | -0,84 | -0,86 | -0,87 | -0,86 | -0,88 | -0,86 | -0,87 | -0,84 | -0,82 |
| Acre | -1,00 | -1,00 | -1,00 | 0,45 | -0,35 | 0,07 | 0,73 | -1,00 | -0,90 | -0,97 | -0,99 | -1,00 | -1,00 | -0,99 | -0,91 | -0,89 |
| Distrito Federal | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -0,99 | -1,00 | -1,00 | -0,99 | -0,97 | -0,98 | -1,00 | -0,69 | -0,97 | -0,94 | -0,87 | -0,97 | -0,90 |
| Espirito Santo | -0,99 | -0,98 | -0,99 | -0,98 | -0,98 | -0,99 | -0,98 | -0,96 | -0,95 | -0,96 | -0,96 | -0,96 | -0,96 | -0,97 | -0,94 | -0,90 |
| Rio De Janeiro | -0,99 | -0,99 | -0,99 | -0,99 | -0,99 | -1,00 | -0,99 | -0,99 | -0,99 | -0,99 | -0,98 | -0,98 | -0,97 | -0,98 | -0,98 | -0,95 |
| Goiás | -1,00 | -0,99 | -0,97 | -0,98 | -0,93 | -0,96 | -0,97 | -0,96 | -0,96 | -0,97 | -0,99 | -0,99 | -0,99 | -0,98 | -0,98 | -0,98 |
| Tocantins | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 |
| Paraíba | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -0,99 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 |
| Amazonas | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -0,98 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 |
| Rio Grande Do Norte | -0,96 | -0,99 | -0,98 | -0,99 | -0,94 | -0,94 | -0,97 | -0,98 | -0,92 | -0,99 | -1,00 | -0,97 | -0,97 | -0,95 | -0,86 | -1,00 |
| Alagoas | - | - | - | - | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -0,99 | -1,00 | -0,98 | -1,00 | -1,00 | -1,00 |
| Mato Grosso | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 | -1,00 |

Fonte: Sistema AliceWeb2/SECEX/MDIC. Elaboração Própria

Apêndice G: Índice de Vantagem Comparativa Simétrica das Atividades Econômicas Cearenses

| PERÍODO | Frutas | Calçados e suas partes | Couros e Peles | Produtos das Indústrias Alimentares e de Bebidas | Têxteis | Gorduras e óleos animais ou vegetais; Gorduras alimentares elaboradas; Ceras de origem animal ou vegetal | Produtos Minerais | Animais vivos e Produtos do Reino animal | Produtos metalúrgicos | Máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos |
|---------|--------|------------------------|----------------|--|---------|--|-------------------|--|-----------------------|---|
| 1997 | 0,972 | 0,538 | -0,322 | -0,892 | 0,820 | 0,741 | -0,945 | 0,620 | -0,627 | -0,907 |
| 1998 | 0,968 | 0,744 | -0,307 | -0,879 | 0,857 | 0,616 | -0,974 | 0,555 | -0,720 | -0,932 |
| 1999 | 0,958 | 0,747 | 0,646 | -0,888 | 0,852 | 0,553 | -0,953 | 0,465 | -0,660 | -0,946 |
| 2000 | 0,954 | 0,697 | 0,758 | -0,864 | 0,867 | 0,652 | -0,888 | 0,529 | -0,718 | -0,905 |
| 2001 | 0,939 | 0,749 | 0,788 | -0,838 | 0,863 | 0,527 | -1,000 | 0,427 | -0,715 | -0,892 |
| 2002 | 0,932 | 0,780 | 0,768 | -0,743 | 0,869 | 0,304 | -0,973 | 0,549 | -0,735 | -0,920 |
| 2003 | 0,923 | 0,816 | 0,782 | -0,821 | 0,842 | -0,140 | -0,476 | 0,454 | -0,596 | -0,890 |
| 2004 | 0,938 | 0,833 | 0,808 | -0,677 | 0,824 | 0,047 | -0,833 | 0,330 | -0,400 | -0,800 |
| 2005 | 0,942 | 0,859 | 0,824 | -0,724 | 0,829 | 0,366 | -0,947 | 0,282 | -0,343 | -0,884 |
| 2006 | 0,949 | 0,891 | 0,804 | -0,735 | 0,846 | 0,440 | -0,811 | 0,258 | -0,429 | -0,850 |
| 2007 | 0,950 | 0,908 | 0,791 | -0,593 | 0,828 | 0,430 | -0,931 | -0,151 | -0,305 | -0,522 |
| 2008 | 0,956 | 0,927 | 0,879 | -0,422 | 0,794 | 0,353 | -0,911 | -0,242 | -0,327 | -0,560 |
| 2009 | 0,961 | 0,932 | 0,866 | -0,458 | 0,699 | 0,445 | -0,879 | -0,167 | -0,341 | -0,501 |
| 2010 | 0,962 | 0,950 | 0,868 | -0,483 | 0,714 | 0,621 | -0,838 | -0,074 | -0,441 | -0,595 |
| 2011 | 0,965 | 0,956 | 0,880 | -0,353 | 0,707 | 0,612 | -0,538 | -0,109 | -0,339 | -0,656 |
| 2012 | 0,966 | 0,961 | 0,895 | -0,307 | 0,632 | 0,672 | -0,730 | -0,327 | -0,465 | -0,551 |

Fonte: Sistema AliceWeb2/SECEX/MDIC. Elaboração Própria

Apêndice H: Taxa de Cobertura das Atividades Econômicas Cearenses

| PERÍODO | Calçados e suas partes | Frutas | Couros e Peles | Produtos das Indústrias Alimentares e de Bebidas | Têxteis | Gorduras e óleos animais ou vegetais; Ceras de origem animal ou vegetal | Produtos Minerais | Animais vivos e Produtos do Reino animal | Produtos metalúrgicos | Máquinas, equipamentos, aparelhos e materiais elétricos |
|---------|------------------------|----------|----------------|--|---------|---|-------------------|--|-----------------------|---|
| 1997 | 4,30 | 18,13 | 1,80 | 0,16 | 0,33 | 23,35 | 0,00 | 5,17 | 0,45 | 0,02 |
| 1998 | 14,07 | 19,96 | 0,40 | 0,52 | 0,35 | 42,80 | 0,00 | 5,90 | 0,20 | 0,02 |
| 1999 | 28,62 | 8,13 | 5,76 | 1,39 | 0,37 | 26,75 | 0,01 | 14,65 | 0,23 | 0,02 |
| 2000 | 46,46 | 13,75 | 5,23 | 1,63 | 0,48 | 46,60 | 0,01 | 40,86 | 0,21 | 0,04 |
| 2001 | 34,02 | 178,90 | 13,43 | 1,99 | 1,22 | 12,63 | 0,00 | - | 0,17 | 0,02 |
| 2002 | 70,04 | 181,79 | 46,43 | 2,04 | 1,63 | 3,17 | 0,01 | 84,10 | 0,21 | 0,01 |
| 2003 | 86,26 | 1.656,76 | 162,33 | 1,15 | 1,38 | 1,06 | 0,62 | 68,69 | 0,52 | 0,04 |
| 2004 | 95,25 | 229,52 | 17,59 | 2,40 | 1,33 | 1,30 | 0,06 | 50,55 | 0,77 | 0,18 |
| 2005 | 183,89 | 243,12 | 23,91 | 3,10 | 2,47 | 7,83 | 0,02 | 48,48 | 0,52 | 0,11 |
| 2006 | 126,59 | - | 5,26 | 2,48 | 1,51 | 2,03 | 0,03 | 56,79 | 0,25 | 0,15 |
| 2007 | 114,11 | 251,70 | 5,15 | 6,70 | 0,95 | 1,74 | 0,01 | 13,27 | 0,29 | 0,24 |
| 2008 | 40,91 | 35,23 | 5,71 | 9,69 | 0,85 | 0,86 | 0,23 | 8,78 | 0,17 | 0,10 |
| 2009 | 45,95 | 59,46 | 11,27 | 6,99 | 0,47 | 1,12 | 0,12 | 11,21 | 0,19 | 0,11 |
| 2010 | 31,14 | 430,77 | 19,59 | 5,06 | 0,42 | 1,98 | 0,07 | 11,45 | 0,06 | 0,07 |
| 2011 | 33,37 | 4,63 | 18,87 | 4,69 | 0,32 | 0,90 | 0,32 | 6,10 | 0,12 | 0,05 |
| 2012 | 21,28 | 4,20 | 44,26 | 5,04 | 0,46 | 0,93 | 0,12 | 4,93 | 0,07 | 0,03 |

Fonte: Sistema AliceWeb2/SECEX/MDIC. Elaboração Própria